

[ROMANCE]

# O POVO CRIANÇA

Carlos Eduardo Neppel Pacheco

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
**Parana** 

tel  
ara  
nha 

# **O povo criança**

Carlos Pacheco

© Carlos Pacheco, 2025

© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

**Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira**

**Normalização de originais: Juliana Sehn**

**Diagramação: Telaranha Edições**

**Arte final: Manoela Gonçalves Haas**

**Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira**

**Comunicação: Hiago Rizzi**

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,  
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Pacheco, Carlos

O povo criança / Carlos Pacheco. — 1. ed. — Curitiba, PR: Telaranha, 2025.

ISBN 978-65-85830-26-3

1. Ficção brasileira I. Título.

25-277758

CDD-B869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**TELARANHA EDIÇÕES**

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

2025

*“Você conhece aquele lugar, entre dormir e acordar,  
o lugar onde você ainda pode se lembrar do sonhar?  
É onde eu sempre te amarei.  
É onde eu estarei esperando...”*

*– J. M. Barrie, Peter Pan*

## CAPÍTULO 1

### A LOUCA

Cintia estava se sentindo extremamente cansada, seus pés sujos estavam cheios de bolhas, algumas inclusive haviam estourado e agora doíam de maneira aguda. O tornozelo parecia ter sido picado por inúmeras formigas “lava-pé” e latejava entre dor e coceira. Seria aquilo graças à artrite ou à artrose? Ela não saberia dizer. Fazia mais de vinte anos que não ia ao médico.

Podia sentir seu próprio fedor, típico de quem não toma banho há muitos dias. *Dias*? Provavelmente semanas. Mas o pior odor provinha da boca, que era azedo e penetrante. Ela evitava respirar por ali e só falava quando se sentia muito sozinha, ou quando era realmente necessário. Mas uma coisa era certa: se a abrisse, o horrível cheiro escapava, infestando todo o ambiente. Sentia uma crosta pegajosa sobre a língua e os poucos dentes que ainda possuía doíam até os ossos.

O cabelo já havia se emaranhado e embaraçado tanto que seria impossível penteá-lo sem cortar ou arrebentar várias mechas. Ele estava oleoso e engordurado e também cheirava muito mal. Daqueles fios cinzentos e brancos emanava um odor repugnante, que lembrava mofo e coisas úmidas velhas.

As unhas haviam crescido muito e ganhado uma coloração amarelada e agora elas pareciam garras envelhecidas, grossas e cheias de sujeira. As sobrancelhas cinzentas haviam crescido de forma irregular e vários fios estavam extremamente compridos e despontados. O buço estava grande o suficiente para ser chamado de bigode e nele acumulavam-se gotículas de suor sujo. Ela possuía uma pinta no rosto, de onde escapavam pelos grossos.

Ela sentia uma dor aguda que subia de seu quadril e seguia coluna acima, causando-lhe arrepios desconfortáveis. Não conseguiria andar por muito mais tempo, mas *precisava*.

Era de suma importância que ela chegasse até seu destino. Até o final de seu *caminho*.

Nunca antes estivera tão perto...

– Quantos quilômetros faltam? – perguntou a voz masculina que sempre a acompanhava, às suas costas.

– Se está cansado de andar, vá embora! Não desejo sua companhia! – resmungou Cintia, a esfarrapada, com uma voz rouca e cansada. Em seguida tossiu com muita força, sentindo o pulmão reclamar em um chiado que parecia velcro se descolando. Pigarreou e cuspiu muco esverdeado.

A risada que ouviu fez seus ossos gelarem e seus pelos se arrepiarem. Detestava aquela risada. Detestava aquele *mal-dito*. Sentiu a boca seca rachar um pouco mais com o vento quente que soprava. Os lábios doeram e sentiu uma listra de sangue escorrer para o queixo. *Precisava* de água. Mas tudo o que via em sua frente era uma estrada de terra batida e um terreno árido e pedregoso com uma vegetação escassa e rasteira, alguns cactos e árvores secas e retorcidas, castigadas pelo forte sol.

Sentia *sede*...

– Não, prefiro acompanhar você até que morra, velha desgraçada! – falou a voz masculina às suas costas, depois de recuperar-se do gélido riso. Cintia não queria olhar para trás, não queria contemplar a face *dele*.

– Então não reclame da caminhada – respondeu a andarilha em tom sério, como que para encerrar a conversa entre eles. O homem se calou e agora ela ouvia apenas seus próprios passos arrastados na estrada desértica, junto com os passos *dele*, logo atrás, desiguais, porém vigorosos. Ela se perguntava se ele estaria tão cansado quanto ela. *Imaginava que não.*

Cintia parou um momento e olhou para si mesma, fazia dias que não fazia isso, percebeu que suas roupas estavam em farrapos, já desgastadas e rasgadas pelo uso contínuo. A camiseta azul-claro estava tão suja que não era possível ler a estampa que havia no peito, mas ela lembrava que se tratava de uma propaganda de alguma marca de alimentos. Na parte debaixo, seu calção masculino de futebol preto estava rasgado e alguns dos remendos de costura tosca que ela havia feito estavam abertos. A única inscrição no calção era, em vermelho, o patrocinador do time: Ypióca, a típica cachaça brasileira.

Seus pés surrados estavam calçados em uma sandália de couro esturricado, que parecia ser muito velha e também estava desgastada, além disso, a sandália era muito grande para os pés de Cintia e certamente parte das bolhas haviam sido causadas por conta disso. Sua velha pele bronzeada estava parcialmente torrada pelo sol. Alguns pelos brancos dos braços e das pernas ganhavam destaque contra a tonalidade marrom-escura que a epiderme agora assumia.

Ela caminhava em zigue-zague, serpenteando na estrada, ia da direita para a esquerda e vice-versa, o caminho deveria ser percorrido dessa forma, no formato de uma *cobra*. Obviamente isso tornava-o muito mais longo, Cintia já havia perdido a conta de quantos quilômetros havia caminhado e quantos dias tinham se passado desde o início de sua jornada, mas finalmente estava *chegando ao fim*.

O calor era intenso e avassalador, não havia uma nuvem sequer no céu e a gigantesca bola de fogo queimava a Terra



sem piedade. Especialmente ali, no Nordeste do Brasil, onde além de quente, o clima era seco. Segundo o que sua memória lhe permitia lembrar, ela estava no Estado do Ceará e devia estar se aproximando de uma cidade chamada *Cascavel*. Sim, ela se recordava do nome, afinal era ali que encontraria seu destino. No final do *caminho da cobra*.

Esperava com todas as suas forças e sua fé que tivesse feito o caminho da *forma correta*, percorrendo-o como uma cobra, serpenteando de um lado para outro, em um gigantesco zigue-zague. Certamente ela havia perdido peso nesse longo trajeto. Estava ciente que havia cruzado o país a pé, afinal o *caminho da cobra* ia de uma cidade chamada *Cascavel*, no Estado do Paraná, Sul do Brasil, até outra cidade do país que levava o mesmo nome, mas se localizava no Estado do Ceará, na Região Nordeste.

Ao passo que o sol ia se deslocando no céu, Cintia deslizava a passos arrastados e exaustos pela estrada de terra e, aos poucos, o terreno foi ficando mais verde nas laterais da estrada e a vegetação abundou-se, para seu alívio. Significava água. Agora também era possível ver areia, não somente a terra seca batida. A andarilha pensou que provavelmente estava se aproximando do mar, certamente em breve veria o oceano.

O vento soprava quente, pesado e pouco aliviava o calor intenso e desconfortável. A velha fechou os olhos e deixou seu corpo ir sozinho, já estava tão acostumada a andar em zigue-zague que por vezes permitia-se ficar no “piloto automático” por algum tempo. Há alguns dias ela podia jurar que havia dormido caminhando, mas não tinha certeza, simplesmente havia “acordado” ainda em marcha, no trajeto exato do *caminho da cobra*.

Seu estômago roncou causando uma aguda dor em seu interior. Cintia não tinha ideia de quando havia se alimentado pela última vez, mas certamente ainda não tinha comido nada nos últimos três dias. Pelo que se lembrava, sua última refeição havia sido restos de um frango e feijão com cinzas de cigarro, que ela tinha conseguido no lixo, próximo a um

restaurante, na última cidade que esteve. Como era mesmo o nome da cidade? Ela não se lembrava... Isso não importava. O que importava era o *final*, o *ponto de chegada*. E ele estava logo adiante. Ela só precisava ficar firme mais um pouco, apenas mais algumas horas...

Havia sido um longo e torturante caminho...

E *ele* sempre em seu encalço...

Incansável e sarcástico...

Colocando abaixo todas as energias que ela conseguia reunir...

– Conhece aquele ditado: “nadou, nadou e morreu na praia”? – indagou a odiada voz às costas de Cintia. – É o que você está fazendo, velha idiota. É o que *vai fazer*.

Cintia respirou fundo e não respondeu, ela tinha se tornado especialista em ignorar o *maldito*. Técnica que havia aperfeiçoado no correr dos calendários. Afinal, o *desgraçado* a acompanhava há muito tempo. Ela sabia que agora faltava pouco e ele faria de tudo para que ela desistisse.

Ela tinha entendido tudo: o *amaldiçoado* gostava dessa condição, tirava do sadismo e do tormento seu prazer e divertimento. A tristeza era seu vinho e o desespero o seu pão. Ele *gostava de não ser*. Afinal, dessa forma, poderia atormentá-la para sempre, ou pelo menos até que ela morresse.

*O que não deve demorar muito...*

Não!

O desespero cresceu dentro do peito de Cintia, ela sentiu seu coração acelerar um pouco. *Ela* sabia o quão perto ela estava, por isso queria vê-la desanimar a todo custo. Ela não poderia se permitir isso... Não poderia... *Estava quase no fim*.

*Quase no fim...*

“Quase no fim” repetia ela para si mesma em seus pensamentos, enquanto arrastava seu corpo surrado por aquela longa estrada inóspita e desolada. *Precisava de água*. Mas precisava também se manter firme. Tinha certeza que se fizesse isso seria recompensada.

Começou a respirar devagar, procurando se controlar, estava de olhos fechados, seguindo o seu caminho. Aos poucos sua mente foi se acalmando e ela não mais ouvia os murmúrios do sujeito que vinha atrás dela. Finalmente um pouco de paz...

Cintia caminhou dessa forma sem saber por quanto tempo, sempre serpenteando pela estrada. Sentia o cansaço do corpo e as dores que se espalhavam por cada músculo e articulação. De repente ouviu um som que lhe trouxe alegria: era o barulho do mar. Podia ouvir claramente o som das ondas se quebrando na areia. Sentiu o vento de maresia, quente contra o rosto, e o cheiro do oceano. *Estava muito perto.*

Abriu os olhos e pôde ver um pequeno aglomerado de casas alguns quilômetros à frente na estrada. Seu coração se encheu de esperança, se ela não morresse no caminho até as casas, era quase certo que chegaria ao seu destino, chegaria até *elas*. Parou de caminhar por um momento e suspirou, exausta e aliviada. As bolhas gritavam de dor nos pés. Suor lhe escorria dos sebosos cabelos e a catarata estava mais embaçada do que nunca, praticamente só enxergava por um dos olhos.

– Só mais um pouco... – sussurrou para si mesma. O sol estava forte e desgastante. As pernas estavam bambas e sem forças.

– Sim, só mais um pouco e Cintia, a andarilha louca, morrerá – tornou a falar a voz às suas costas.

Ela o ignorou.

Momentos depois, Cintia estava batendo palmas na frente de uma casa de madeira branca, bem simples, com uma varanda arejada, onde uma rede de dormir estava pendurada entre dois pilares. Havia uma mangueira na frente da casa, carregada com mangas já maduras, sob a árvore muitos frutos apodreciam na sombra, onde algumas moscas banquetearam-se. O estômago de Cintia roncou enquanto seus olhos namoravam as mangas amarelas no pé.

Um senhor colocou a cabeça para fora da janela, em resposta às palmas, ele parecia carrancudo, tinha pouco cabelo sobre a larga cabeça achatada, sua pele era em tom de bronze e seus olhos negros estavam enterrados em profundas olheiras encrustadas em seu rosto. Estava sem camisa e usava um largo crucifixo dourado sobre o peito que ficava preso por uma corrente igualmente dourada e grossa.

– Ele não vai lhe dar nada, olhe como você está suja e fedida – disse seu companheiro.

Ela novamente o ignorou.

– Sim? – disse o homem idoso na janela.

– Boa tarde, senhor. Eu gostaria de saber se posso pegar algumas mangas, muitas já estão maduras – a voz de Cintia soou estranha aos próprios ouvidos, era uma voz muito rouca e cansada. O odor azedo escapou-lhe da boca quando ela falou.

O homem a observou por um momento, ainda com a expressão carrancuda dominando o semblante, parecia avaliá-la, e Cintia agradeceu por estar longe o bastante para que ele não pudesse sentir o seu cheiro.

– Caminhe! Não tem nada para você aqui – resmungou o homem, ainda olhando para ela de cima abaixo.

– Senhor, por favor. Tenho muita fome – insistiu Cintia.

– Não lhe disse? – sussurrou seu companheiro de jornada. E nesse momento Cintia sentiu vontade de se virar para ele, encará-lo e *machucá-lo*. Ah! Como ela gostaria de machucá-lo... No entanto continuou ali, parada, esperando que o velho lhe deixasse comer as mangas.

– Vai-te embora! – gralhou o homem da janela, irritado.

Cintia permaneceu ali, olhando do homem para as mangas e das mangas para o homem, pensando quem seria o mais lento, ela ou ele. Estava nervosa e sem paciência, e precisava comer se quisesse chegar até o *fim do caminho da cobra* ainda hoje. O homem pareceu perceber suas intenções e repetiu:

– Vá embora! Não tem nada para você aqui.

Quando Cintia virou as costas e começou a andar, amaldiçoando o velho, ela ouviu uma voz feminina vinda de dentro da casa, soava irritada e apressada:

– Jesus do Céu! Veja se isso é coisa que se faça, Anestor. A mulher está desesperada de fome e você rejeita comida. Olha quantas mangas estão apodrecendo aqui na frente – uma mulher muito gorda saiu da casa vestindo um vestido simples de algodão, estampado com flores, ela calçava chinelas feitas de pneus nos pés inchados. – E ainda se diz católico? Santo Deus!

Cintia ouviu tudo, mas não se virou, continuou andando, ainda estava enfurecida, tanto com o velho, quanto com seu companheiro de viagem.

– Ei! Senhora! – ouviu aquela voz lhe chamar.

– Sim? – Ela se virou aos poucos para contemplar a pequena e gorda mulher que estava no portão da casa, na sombra da mangueira. O sol transpassava os galhos da árvore, riscando o rosto daquela senhora com listras de luz e sombra.

– Pode pegar as mangas, tenho também mandioca cozida e água. Gostaria de um pouco?

– Claro! Por favor – respondeu Cintia, ouvindo o estômago roncar e sentindo a boca salivar. Um sorriso surgiu em seus velhos lábios rachados.

Em instantes ela estava atracada com um punhado de mandiocas salgadas, devorando-as sem nem mesmo retirar a fibra mais grossa do meio da raiz. Nunca havia comido tão rápido, mas a fome era tremenda. Terminadas as mandiocas deu longos goles na garrafa de plástico com água que a bondosa senhora havia lhe arranjado. Não sabia o que era mais intenso: a fome ou a sede.

Estava sentada debaixo da mangueira, recostada no grosso tronco da enorme árvore. Algumas moscas tentavam insistentemente pousar em suas bolhas estouradas do pé, mas ela não permitia e afastava-as aos abanos. Podia ouvir os pássaros cantando em cima da enorme árvore e o vento assoviando entre as casas.

Depois de beber uma grande quantidade de água, Cintia atacou as mangas sem dó nem piedade. Deve ter comido umas dez, na velocidade de uma máquina de triturar. Seu estômago parecia não ter fundo e quando se deu conta, estava com os dedos lambuzados devido ao sumo da fruta. O sol havia começado a baixar. Era hora de ir embora, ela *precisava achá-los* enquanto ainda havia luz.

– Você não gostaria de tomar um banho? – ofereceu a gentil senhora.

Ela *queria*. Seria maravilhoso sentir-se limpa novamente. Um banho era tudo o que Cintia precisava para sentir-se revigorada. Mas não havia tempo para essas futilidades. Ela *precisava* chegar ao *final* o quanto antes, não havia tempo para banhos.

– Não, obrigada. Tenho que ir, mas agradeço imensamente pela comida e pela água – respondeu Cintia, limpando os dedos melecados nos farrapos que usava e pondo-se em pé.

– Como quiser – disse a bondosa senhora. – Você vem de muito longe?

– Muito, muito longe. Venho de outra Cascavel, lá no Paraná – respondeu Cintia já atravessando o pequeno portão.

– Nossa! É mesmo longe... – comentou a senhorinha.

– Preciso ir – disse Cintia, dando as costas para a bondade daquela mulher e voltando para a estrada de chão que cruzava a cidade.

Andou um pouco e lá estava, a marca que ela havia feito, para sinalizar o local onde havia interrompido sua eterna marcha. Cintia sentia-se muito melhor e mais disposta agora, depois de se alimentar e se hidratar. Suspirou e continuou a seguir pelo *caminho da cobra*, incessantemente. *Estava quase lá*.

– Devia ter aceitado o banho, você cheira como os mortos, velha podre! – comentou seu companheiro, e ela percebeu que ele andava novamente atrás dela, seguindo os seus passos.

– Se meu cheiro é tão ruim assim, sugiro que fique aqui e me deixe em paz, *garoto birrento* – respondeu Cintia em voz

enérgica. Estava com o bom humor recuperado. – Não desejo sua companhia.

Ele não respondeu, apenas continuou seguindo-a, ela sabia pelo som dos passos. Não se atrevia a encará-lo, por Deus, não conseguiria nem o olhar de relance. *Maldito seja*. Sua mente estava cansada, fazia noites que não dormia mais do que quatro horas seguidas. *Ele* não permitia que descansasse.

O sol caminhou no céu enquanto a andarilha serpenteava pelo seu caminho, que agora avançava cidade adentro. O calor ainda era intenso e o vento parecia soprar cada vez menos. Um conjunto de pássaros sobrevoava o céu claro e azulado. Eram juazeiros do norte, pássaros brancos com as pontas das asas negras e a cabeça vermelha. Estão em extinção, embora Cintia não soubesse de nada disso enquanto os contemplava.

Lembranças tomaram conta de seus pensamentos, entorpecendo seus sentidos, transportando-a para os dias do passado, quando as escolhas ainda não haviam se tornado consequências. Para uma época em que a palavra “futuro” não soava tão vazia e incerta, tão perto da palavra “morte”, como agora. Uma época em que os sonhos e as esperanças coloriam seus dias, que agora tinham se tornado desbotados e incolores.

O Amor...

Sim! *O amor...*

Era ele o maior culpado da *loucura* que agora a acompanhava. Ele havia feito essa loucura se encrustar tão profundamente em seu ser, tal que agora era impossível se desvencilhar dela. *Cintia, a louca*. Era assim que a chamavam entre sussurros e murmúrios em sua terra natal. Há tanto tempo atrás...

*Havia enlouquecido por causa do amor...*

Imaginava que muitas pessoas tivessem sofrido de tal mal, mas se perguntava se as consequências desse amor teriam sido tão intensas e terríveis para eles como estavam sendo para ela. O amor havia arruinado sua vida e seu ser, transformando-a naquilo que era hoje: uma alma perdida e amaldiçoada que não conseguiu *escolher*.

Sentia as pernas formigando enquanto arrastava o velho e cansado corpo pelas ruas de Cascavel. Ela pouco olhava ao redor, estava muito concentrada em seus pensamentos, flutuando em memórias profundas e dolorosas de outrora. Mas, aos poucos, sua mente foi voltando para o momento presente, para o caminho que tinha pela frente. Passou a sentir o peso dos olhares das pessoas da cidade, julgando-a e rejeitando-a. O que eles deviam pensar dela? Será que se perguntavam sobre o que a teria levado até aquelas condições? Cintia sentia essas perguntas no ar, em meio às acusações e sentenças que aqueles olhares lançavam.

A resposta era clara: o *desespero* a havia levado àquela situação, o puro e simples *desespero*, nascido e germinado do *amor e da dúvida*.

Agora, terminar o *caminho da cobra* e encontrar o Guardião era a única chance para Cintia. A última chance para ela conseguir ter novamente direito de *escolha*. A única chance para ela realmente *viver* e não apenas *se arrastar pela vida* com os ombros curvados e a cabeça atormentada pelo peso das *coisas que não escolheu*. Precisava disso, e iria até o fim, *custasse o que custasse*.

Ignorar esses olhares era mais uma das coisas que precisava fazer, e novamente entrou no “piloto-automático” e continuou seguindo seu eterno zigue-zague serpenteante. Mergulhou novamente nas amargas memórias de amores mal vividos e escolhas não feitas.

Lembrou-se de Moacir, certamente o homem a quem havia amado mais intensamente em toda a sua vida. Ele era um homem maravilhoso, belo e inteligente, era professor de filosofia e marceneiro. Certamente ele foi o homem que mais havia feito Cintia refletir em toda a sua existência. Ela costumava pensar que cinco minutos de papo com ele eram o suficiente para entrar em contradição consigo mesma, afinal ele questionava todas as organizações, relações e instituições sociais.



Ela gostava daqueles longos devaneios, que geralmente aconteciam no meio do mato, nas beiras dos rios ou em cachoeiras e acampamentos. Ela sempre brincava com Moacir, dizendo-lhe que suas ideias causavam “nós no cérebro”, e ele sorria em resposta. Aquele sorriso sincero emanava uma energia que cativava seu coração.

Ah! Como ela o *havia amado!*

Sempre que o via, sentia seu coração bater acelerado e as borboletas levantavam voo em seu interior. Por vezes, ela até começava a tremer e sua boca ficava seca. De vez em quando, a sensação era tão intensa que era até ruim, mas não havia nada que Cintia pudesse fazer, esse era o efeito de Moacir sobre ela. Na presença dele ela conseguia trocar todas as “pulgás atrás da orelha” por “borboletas no estômago”.

Só de pensar nele, enquanto andava de olhos fechados, ali no *caminho da cobra*, ela já sentia o corpo estremecer e o estômago se agitar. Só a lembrança bastava para fazê-la sentir tudo aquilo novamente. Lágrimas escorreram dos olhos fechados e rolaram pelo sujo rosto, enquanto caminhava sobre a terra quente e sentia a maresia acariciar-lhe a pele. Sentia as pessoas desviando-se dela, algumas reclamavam e xingavam, outras questionavam o seu comportamento. Mas Cintia não estava *realmente* ali, ela estava em algum lugar do passado.

Estava passeando com Moacir na areia de uma praia, em tempos idos, o céu estava fechado e anunciava que em breve uma chuva iria cair. Não era um dia propício para se passear na praia, mas ela estava tão tomada de emoção e alegria que aquele dia parecia *perfeito*. Eles estavam juntos fazia três anos e era a primeira vez que contemplavam o mar juntos. Ele havia lhe sussurrado no ouvido: “É surreal ver você nesta paisagem”, e aquelas palavras a haviam feito flutuar. Ela também se sentia assim, *surreal*, com ele naquela paisagem, tendo seus maravilhosos vinte e oito anos de idade e todos os sonhos ainda pela frente. Sentia-se preenchida de amor e desejo, sentia-se leve e intensa.

Essa era, sem dúvida, uma das melhores recordações que ainda conseguia evocar.

Parecia sentir o cheiro de peixe e sal no vento e o odor de hortelã, que vinha do hálito de Moacir. Sentia o sol em sua pele e o vento a lhe bagunçar os cabelos, e depois as gotas de chuva e o calor do abraço de seu amado...

Tudo tão lindo, tão pleno...

Como teria sido lindo viver e envelhecer ao lado de Moacir...

Mas, apesar de todo o amor que sentia por ele, ela era carente e Moacir não era muito dado ao afeto. Ele não gostava muito de contato físico e poucos eram os abraços e beijos que partilhavam. É bem verdade que conversavam muito e conseguiam apreciar o silêncio, juntos, em sintonia. No entanto, Cintia gostava de carinhos e carícias, gostava de ficar abraçada e trocar longos beijos. Até no sexo Moacir era um pouco distante, e quando terminavam, ele logo caía em um profundo silêncio meditativo, distante de Cintia. Ele saía de um compartilhamento grandioso de energia e mergulhava em um brusco isolamento. Ela o entendia, afinal cada pessoa tem seu tempo, e seu nível de gosto pelo contato. Sempre o havia respeitado, por mais incomodada que se sentisse com isso.

Ele a havia ensinado: “nunca deixe sua felicidade nas mãos de ninguém, sempre controle você mesmo as rédeas da sua alegria”. E assim ela tentava não se sentir triste quando se sentia carente. Tentava sempre não depender dele para estar feliz, claro que isso era mais simples no pensamento do que na ação.

Assim era com Moacir, um amor profundamente intenso e leve, despreocupado e divertido, mas bem *esporádico* e levemente *afastado*. Ainda tinha o fato de que às vezes ele precisava de espaço e de um tempo só para si. Nessas ocasiões, ele sumia e ficava longos períodos de tempo sem dar notícias. Cintia sempre sentia muita saudade e perguntava-se o que ele estava fazendo. Às vezes sentia ciúmes, imaginando-o com outras mulheres, e provavelmente ele *realmente* se deitava com elas. Mas no fundo isso não importava, afinal, com ele,

esse tipo de coisa era natural, era simplesmente o *jeito* dele. Era algo *orgânico*.

Ela o amava assim mesmo e sempre se sentia profundamente feliz quando ele aparecia novamente em sua vida e eles voltavam a trocar carinhos e momentos. Ela nunca perguntava onde ele havia estado, nem o porquê, nem com quem, simplesmente dizia que entendia o tempo dele e não se importava com esse distanciamento. E, para sua surpresa, com o tempo isso passou a ser *verdade*. Conforme os dias, meses e anos foram se passando, ela realmente passou a não se incomodar, *pois sabia que ele voltaria para ela*.

*Ou assim ela desejava...*

Mas nem *tudo* na vida é como *desejamos...*

Aliás...

Quase *nada* é...

E um dia Moacir simplesmente decidiu ir para sempre...

Ao mesmo tempo, havia o doce e gentil Isaías, outro *grande amor* da sua vida. Ela o havia conhecido poucos meses depois de encontrar Moacir pela primeira vez, e isso foi o que bagunçou tudo, fez seu coração revirar de cabeça para baixo. O que fez com que *escolher* fosse *impossível...*

Isaías era meigo e tranquilo e aqueles sentimentos transbordavam do seu ser, era um rapaz atencioso e contagiava o mundo com sua alegria e vontade de viver. Quando estava com ele, Cintia se sentia *plena* e *feliz*. Ele a fazia sentir-se bem e muito receptiva às belezas e alegrias do mundo. Em sua presença, ela parecia encantar-se com qualquer coisa, por mais simples que fosse. As pequenas coisas da vida mostravam-se belas quando estava com ele.

O amor entre os dois começou logo nos primeiros instantes, e todos os movimentos, palavras e gestos de Isaías chamavam a atenção de Cintia e a deslumbravam. Estar com ele era como mergulhar em um poço de doçura e ternura e ela sentia essas sensações preencherem seu coração como nunca antes havia ocorrido em sua existência.

Isaias era certamente o homem mais sensível que jamais havia encontrado. Ele estava sempre preocupado com os demais e pronto para oferecer apoio e auxílio ao próximo. Ele realmente tinha um coração bom e adorava arrancar risos e sorrisos das pessoas. Interagia com todos à sua volta, da garotinha ingênua ao velho ranzinza.

O amor que Cintia sentia por Isaias era o mais puro que ela havia sentido na vida, não que ela acreditasse na pureza, mas era assim que se sentia ao lado dele. Era um sentimento que jamais havia sentido, e jamais voltaria a sentir. Pura e plenamente aberta para as pequenas belezas da existência. Amava amar Isaias. Amava sua companhia e seus carinhos, que eram abundantes e aconchegantes.

Ele era muito mais carinhoso do que Moacir e, assim como Cintia, adorava ficar horas abraçado e trocar longos e ardentes beijos e abraços. No entanto, o sexo com Isaias era menos intenso, apesar de ser mais demorado e carinhoso. Isaias estava sempre presente, seja no ato em si, como depois dele, sempre fazendo Cintia sorrir.

Seu grande problema é que era muito ciumento e tentava a todo custo fazer com que ela o aceitasse como namorado e o assumisse como único homem de sua vida. Aquilo a deixava perturbada e confusa, visto que não queria escolher e nem conseguia escolher.

A verdade era que ela quase nunca *comparava* um com o outro, ela não desejava que eles estivessem em posição de *competição* em sua vida. Desejava tê-los em posição de *cooperação*. Afinal, era assim que seu coração sentia *esses amores*. Ela desejava e amava os dois, de formas diferentes e por motivos diferentes, mas em intensidades semelhantes. *Queria viver com os dois*.

Ambos a complementavam: com Moacir sentia-se livre e intensamente viva, mas sentia falta da segurança e das carícias. Com Isaias sentia-se segura, intensa e pura, mas sentia falta da liberdade e da leveza. A efemeridade dos momentos

com Moacir a encantava, mas ao mesmo tempo a amedrontava. A intensa sensibilidade e fragilidade de Isaías fazia com que Cintia observasse as belezas da vida, mas em igual medida a amedrontava.

Com o primeiro, tinha medo de ser despedaçada; com o segundo, tinha medo de despedaçar.

No fim, aconteceu o que ela mais temia: Moacir se foi para nunca mais voltar e Isaías caiu no desespero depois de ela machucá-lo sem realmente desejar fazê-lo. Em instantes, os dois grandes amores de sua vida se evaporaram e a solidão chegou para ficar. Pela sua incapacidade de *escolher* entre um ou outro, por não querer *escolher*, Cintia acabou afastando-se dos dois, perdendo-os para sempre.

Ela sempre pensou em uma frase que frequentemente percorria seus pensamentos: “na vida, tu és eternamente responsável por aquilo que cativas”. Ela não sabia onde havia ouvido ou lido a tal frase, sua memória não ajudava, mas certamente era o que ela sentia. Essa era sua sina, sua perdição: ela havia encontrado duas coisas maravilhosas, dois sentimentos fantásticos que traziam à tona o melhor que ela tinha dentro de si. Mas como ironia do *destino*, ou do *acaso*, as duas coisas, os dois sentimentos não podiam existir ao mesmo tempo, eram opostos e incompatíveis. *Como o amor podia ser assim?* Não parecia inerte a natureza do amor essa tão terrível necessidade de posse, de exclusividade. Por que um ou outro? Por que não ambos? Por que colocar um amor para competir com o outro se eles poderiam cooperar?

Sim, ela havia descoberto e cativado duas maravilhas da existência, dois amores raros e deliciosos e era agora responsável por eles. Era também responsável pelas expectativas que criava, em si e nos outros. *Sentia-se* responsável, pelo fato de ser a única que sabia que seu coração estava dividido e que estava sangrando. Sentia-se responsável por manter os corações dos dois amados intactos e sem ferimentos. O que é obviamente impo...

– Impossível – Cintia ouviu a voz de seu companheiro de viagem murmurar, logo às suas costas, como que completando seus pensamentos.

Aquele sussurro foi o suficiente para arrastá-la de suas memórias e trazê-la novamente para o momento presente. Ela abriu os olhos lentamente, como se estivesse acordando, retornando do mundo dos sonhos para a realidade, a contragosto. Por mais amargo que fossem as memórias de seus antigos amores, elas ainda a deixavam cheia de viva emoção. Adorava mergulhar no passado, por mais que isso a machucasse.

No entanto, quando abriu os olhos seu coração disparou e suas pernas ficaram mais bambas do que já estavam. Ela passou a respirar descompassada e agitadamente. Cintia não podia acreditar no que via diante de seus olhos: o *Guardião* e o final do *caminho da cobra*. Ela tinha certeza disso, não havia dúvidas. Certamente o murmúrio do *maldito* indicava que ele também havia entendido que finalmente a jornada havia chegado ao fim.

## CAPÍTULO 2

### O *GUARDIÃO*

O sol estava quase se pondo quando Cintia, a desgarrada, chegou ao final de sua longa e desgastante viagem. Quando saiu da Cascavel no Sul, ela estava apenas seguindo uma lenda, uma história que não sabia se realmente era *verdadeira*. É claro que Cintia nunca cogitou, *de fato*, a hipótese de a lenda ser falsa, porque se fizesse isso certamente teria desistido da empreitada. Era um caminho árduo e não havia espaço para dúvidas em suas bagagens. Ela *precisava acreditar* que tudo era verdade, que existia o *caminho da cobra*, o *Guardião* e, especialmente, o *Povo Criança*.

*Eles* eram sua última esperança para reaver sua vida, para encontrar um sentido em sua existência. Ela queria poder *escolher* novamente, dessa vez *faria a escolha*, afinal havia entendido tudo: *não escolher, é também uma escolha*, e geralmente é essa a opção que gera as consequências mais indesejáveis. A *incapacidade de escolha* a tinha levado até ali, feito-a mergulhar profundamente na loucura, na angústia e no desespero.

Mas, agora, a *certeza* se mostrava diante dela: o *Guardião* estava diante dos seus olhos. Ele representava a certeza de que



ela poderia viver sua vida novamente. Ou, pelo menos, ele era o primeiro passo naquela direção.

O vento soprou contra seu rosto queimado e exausto e ela sentiu suas pernas formigando e perdendo a força, repentinamente elas cederam e Cintia caiu sentada, sua bacia doeu de maneira aguda, sentiu como se um osso trincasse, ou lascasse. Gritou enquanto se apoiava nas mãos trêmulas e machucadas, uma de suas unhas foi arrancada no impacto, sangue escorreu.

Apesar dos machucados, a alegria de Cintia era imensa. Seu rosto se contorceu entre exaustão, dor e alegria. Fazia muito tempo que ela não sentia tamanha felicidade, há décadas com certeza. O quadril latejava de maneira insistente, as bolhas dos pés apresentavam uma dor misturada com coceira, e algumas moscas já se aglomeravam em torno das feridas. As mãos agora estavam raladas e encrostadas de sujeira, onde sangue seco e velho se misturava com o novo. Mas, por dentro, seu ser estava tomado de esperança, afinal, ela tinha o *Guardião* diante de seus olhos. Ele era responsável por proteger o segredo da localização do *Povo Criança*.

– Parece que sua lenda absurda era de fato realidade, velha imunda – comentou seu indesejável companheiro. Ela ainda não queria virar-se para encará-lo, odiava olhar naquele rosto que lhe trazia tantas e dolorosas lembranças. Ele representava tudo o que ela *não conseguiu escolher*. Era a amargura e o arrependimento *encarnados*. Era sua covardia lhe acompanhando todos os dias e fazendo com que ela se lembrasse de todos os erros que havia cometido por falta de *coragem*.

Cintia não respondeu, apenas ficou ali contemplando o *Guardião*, boquiaberta e extasiada. A *lenda era realidade*, ela dizia que no final do *caminho da cobra* estaria o *Guardião*, à espera do andarilho. Esse caminho deveria ser feito a pé e serpenteado em ziguezague, como uma cobra, desde Cascavel, no Paraná, no Sul do Brasil, até Cascavel no Ceará, ao Nordeste do

Brasil. A lenda não era clara sobre o *que* era *Guardião*, apenas versava que ele estaria com a *marca da cobra*.

E, bem na frente dos velhos e cansados olhos de Cintia, estava um cachorro enorme, em um estacionamento de uma antiga rodoviária, debatendo-se com a carcaça de uma cobra que havia sido morta recentemente. O cão revirava-se no chão, com a carcaça da cobra na boca, virando-se de um lado para outro, como se estivesse brincando com ela.

Aquilo havia atraído a atenção de algumas pessoas curiosas, que passavam por ali. A rodoviária era uma construção de apenas um andar, que havia sido pintada de cinza, mas agora estava coberta com pichações ininteligíveis. A tinta também havia descascado e desbotado. Apenas um letreiro velho de madeira indicava: *Rodoviária de Cascavel*. Apesar de velha e desgastada, a construção estava movimentada e o cachorro com a cobra rapidamente tornou-se uma atração.

Cintia sentia alguns dos olhares voltados também para ela. A maioria deles carregados com desdém, outros com curiosidade e, em igual medida, aversão. Nada com o que ela já não estivesse acostumada. Naquela altura, seus pensamentos estavam apenas focados no cão, que *certamente* deveria ser o *Guardião do Povo Criança*.

A grande pergunta agora era: *Como fazê-lo revelar onde está seu povo protegido?*

Cintia levantou-se lentamente, sentindo a bacia reclamar com uma fisdada de dor. Ela reparou que dois jovens andavam na direção do cão, traziam sorrisos maldosos no rosto. Um dos garotos carregava um pedaço de pau na mão, e ela pôde ouvi-lo dizer:

– Calma, calma cachorrinho, por que não divide seu lanche com a gente? – os rapazes estavam mal-vestidos e bastante sujos. Não tanto quanto Cintia, é claro.

O cão olhou-os com seus olhos cinzentos e desconfiados. Ele era de alguma raça que Cintia não conhecia. Parecia uma ovelha gigantesca, o pelo era de uma tonalidade clara e

cinzenta, mas já estava todo sujo da terra marrom, comum na região, alguns tufo de pelos emaranhavam-se tanto que formavam *dreads* no animal. Seus dentes estavam fincados na cobra, fundo o bastante para que o sangue do animal peçonhento escorresse pela sua boca enorme, ela certamente havia morrido há pouco tempo, concluiu Cintia.

A cobra também era grande e deveria ter cerca de dois metros de comprimento, era larga como a coxa de um homem forte, possuía escamas marrom-acinzentadas e um guizo na extremidade da cauda. Sem dúvida era uma *cobra cascavel*, a maior que Cintia já havia visto. Ela agradeceu ao universo por ela estar morta, Cintia estava sem condições de lidar com uma cobra viva naquele momento, estava à beira da exaustão. Tratar do cachorro seria certamente mais fácil, esperava ela.

O rapaz com o pedaço de pau avançou e tentou pegar o rabo da cobra, no mesmo momento o cachorro começou a rosnar, indicando que não queria ser incomodado. O jovem recuou e olhou para o companheiro desarmado, que usava uma longa barba despontada, que o deixava mais velho do que realmente era.

– Acho que ele vai me morder se eu puxar a cobra – comentou o rapaz que tinha o pedaço de pau na mão.

– Óxenti, não seja covarde! É só puxar com força, se ele avançar, é só dá-lhe dá-lhe paulada – comentou o barbado.

Foi o que ele fez, deu um puxão com força na cauda da cobra, mas os dentes do enorme cachorro continuaram fincados nas escamas, apenas moveram-se um pouco, rasgando ainda mais a carne e as escamas. Sangue escorreu do ferimento aberto e pingou no chão de terra batida, o cão rosnou mais agressivamente e arreganhou a boca, deixando os dentes à mostra, em ameaça.

– Puxe, seu veado da pestí! – berrou o rapaz barbudo. – Puxe logo!

O garoto do pau deu mais uma puxada forte, segurando os guizos no rabo da cascavel, dessa vez o cachorro largou o réptil e virou-se na direção do rapaz, com os dentes

ensanguentados à mostra e rosnando raivosamente, de sua boca pingava sangue.

O resto da multidão assistia à cena boquiaberta, ninguém disse uma palavra aos rapazes, algumas pessoas se afastaram, Cintia conseguia ouvir muitos murmúrios de desaprovação e agitação. O medo surgiu lentamente a seu redor, mas ela estava calma, apenas observava a reação do cachorro, mas uma ponta de preocupação surgiu em sua mente. E antes de racionalizar completamente, ouviu a voz de seu companheiro de viagem:

– Seria triste se ele matasse o cão com aquele pau... Imagina, seu precioso *Guardião*, morto antes de falar contigo, diante dos seus olhos... Tsc... Tsc... Tsc...

– Calado... – sussurrou Cintia. Sentiu seu sangue ferver, juntamente com o desespero que aquelas palavras lhe causaram. Ela não podia deixar que machucassem o *Guardião*...

– Você jamais chegaria ao *Povo Criança*... – começou a dizer novamente seu companheiro, mas Cintia o interrompeu.

– Eu mandei ficar calado – sua voz saiu forte e clara. Algumas pessoas que estavam próximas desviaram a atenção do cachorro e passaram a observá-la discutindo.

O rapaz aproveitou a oportunidade e lançou-se sobre a carcaça da cobra que o cachorro havia soltado. No momento em que a mão dele encostou na cobra, os dentes do cão-ovelha fecharam-se em torno de seu pulso. O som foi de alguma coisa trincando e carne sendo rasgada, em poucos instantes, sangue explodiu e o rapaz gritou. A boca do cão pingava ainda mais sangue agora e seus dentes ganharam um aspecto vermelho vivo.

Com a outra mão, aquela que carregava o pedaço de pau, ele atacou o cachorro. A paulada acertou o animal em cheio na lateral da cabeça, fazendo com que o cão largasse o pulso do rapaz e saísse cambaleando. Do ouvido do bicho escorria sangue e um de seus olhos ficou muito vermelho. O garoto ferido também cambaleou e tombou, sentando-se no chão.

– Maldito! – berrou o rapaz olhando para o pulso aberto, rasgado, que não parava de sangrar. Logo uma poça de sangue

se formou na terra seca. Ele soltou o pedaço de pau no chão para tentar estancar o ferimento, sem sucesso.

O sangue dele era bem escuro, mais escuro do que o que escorria da orelha do cachorro. O outro rapaz, o barbudo, pegou a carcaça da cascavel e colocou-a no ombro, foi até o amigo machucado e se ajoelhou para avaliar o machucado.

– Caralho! Tá feia a coisa! Vamo simhora pro posto de saúde – disse.

– Merda! Merda! Merda! – gritava e gemia o rapaz sem barba. A mão agora já estava toda vermelha e Cintia pôde observar como a pele havia sido rasgada em grandes cortes profundos. Era um ferimento grave, e veias estavam à mostra. – Isso tá muito feio Zé!

– Tá mesmo, Tião, temo que i é rapidinho pro hospital! Simhora! – comentou Zé.

– Antes eu vou matar esse cachorro filho duma puta! – disse Tião, enfurecido, ainda com o pulso aberto e destroçado. Levantou-se e pegou novamente o pau caído.

Quando ele começou a andar o cachorro recobrou os sentidos e voltou a rosnar, parecia ter se esquecido da cobra. Sua raiva agora direcionava-se para o rapaz ferido. Cintia tentou caminhar, mas sua bacia latejou e ela parou. A dor era muito aguda e desconfortável, mas ela *precisava* fazer alguma coisa. Mais pessoas se afastaram quando perceberam que as coisas poderiam ficar feias. Outras murmuravam em desaprovação e algumas poucas incitavam o rapaz contra o animal.

Tião levantou o pedaço de madeira para espancar o cachorro quando foi interrompido por Cintia, que ficou na frente do cão. Se o rapaz quisesse acertar o animal, deveria passar primeiro por ela. Os olhos do garoto encontraram os seus e ela percebeu que o ódio o dominava naquele momento.

– Saia da frente, mendiga desgraçada – falou Tião. Do pulso destruído do rapaz não parava de vazar sangue, um fluxo leve, mas ininterrupto.

Agora as pessoas estavam ainda mais assustadas e

os murmúrios cresciam. Algumas passaram a filmar a cena com seus telefones, outras cochichavam ou faziam ligações. Aparentemente, o episódio havia se tornado um acontecimento local e mais de trinta pessoas estavam no estacionamento da velha rodoviária. O vento passou aliviando um pouco o calor, mas ninguém pareceu perceber isso, estavam focados nos rapazes, na cobra, no cão e na velha mendiga que agora protegia o animal.

– Saia da frente! Puta! – berrou o rapaz enfurecido.

– Não, você não vai fazer mais nada com esse cachorro – disse Cintia em tom de desafio. Sua voz soou clara e autoritária.

– Quer levar paulada, velha? – perguntou o garoto ferido.

– Já conseguiu o que queria, seu amigo está com a cobra. Vão embora.

– I num é que ela tá certa Tião, deixe quieto hómi. Simbora, vamo dá um jeito nesse pulso aí – falou Zé.

– Não! – gritou Tião. – Eu quero esse cachorro morto!

– Isso não vai acontecer – respondeu Cintia.

O cão rosnava, também enfurecido e não tirava os olhos de Tião.

– Acha que pode me parar, velha imunda? – esbravejou o rapaz.

– Acho que posso tentar – disse Cintia. Sentia seu coração acelerar e o cansaço desaparecer. “Um viva para a adrenalina”, pensou.

Algo nos olhos dela assustou o rapaz, ou ele percebeu que o cachorro era *realmente* importante para ela e, assim sendo, o defenderia a qualquer custo. Os olhos do rapaz corriam de Cintia para o cão e voltavam para Cintia. Ele estava realmente enfurecido, mas logo desviou o olhar, guinchou de dor e soltou o pedaço de pau. Resmungando e xingando.

– Puta azeda! Cachorro do Diabo! – pegou o punho machucado e pressionou o ferimento, a fim de estancar a cachoeira vermelha que dali fluía.

Zé logo veio ao seu encontro e, em poucos instantes, os rapazes já haviam desaparecido do estacionamento. As pessoas também aos poucos iam se afastando, dissipando a maré de curiosos. Alguns ainda encaravam Cintia e o cão, com os mais diferentes olhares, alguns de aprovação, outros de desaprovacão, mas a maioria de curiosidade.

– Se ele quisesse, poderia ter feito um estrago nesse seu corpo velho e acabado – comentou o companheiro de viagem, com desdém.

Cintia o ignorou, sabia que aquilo era verdade, ainda mais se o amigo, Zé, tivesse um temperamento tão explosivo como o do tolo Tião. Mas por algum motivo ela tinha conseguido intimidá-los. Isso era bom, agora só precisava conseguir as informações com o Guardião.

Ela olhou para o cachorro e percebeu que ele ainda estava desorientado, andava de um lado para o outro, cambaleando e tendo que parar a cada pequena sequência de passos, a pancada tinha sido realmente forte. Sangue ainda escorria da orelha do bicho e ele soltava pequenos gemidos de dor e desconforto.

Cintia se aproximou lentamente com a mão esticada. Tentou ficar calma e transparecer que não estava com medo ou agitada. Havia ouvido falar que os cães conseguiam farejar o medo, não sabia se era verdade, mas a cena do pulso de Tião sendo rasgado como uma mortadela não saía de sua cabeça. Certamente aquele cachorro era muito mais forte e perigoso do que sua dócil e boba aparência sugeria.

Ele rosnou quando a andarilha se aproximou, mas Cintia insistiu e forçou a aproximação, ainda movendo-se lenta e calmamente. Os olhos do *Guardião* a fitavam, um deles era muito cinzento e opaco, parecendo cego, e o outro, todo vermelho de sangue, certamente alguma veia de seu globo ocular havia estourado com a pancada.

“Ele está me avaliando. Está julgando se sou realmente boa ou não, se tenho o direito de interagir com ele...”, pensou

Cintia enquanto se aproximava do animal ferido. Novamente viu em seus pensamentos o pulso de Tião se abrindo facilmente na mandíbula do enorme cachorro. Sentiu seus pelos se arrepiarem de medo e começou a tremer.

O *Guardião* voltou a rosnar, como se realmente farejasse seu medo. Ela suspirou fundo, tentando afogar o pânico, matá-lo dentro de si. Como tinha matado o amor de Isaias e o amor de Moacir, havia afogado o que sentira por eles, recorreu ao ódio e depois à indiferença, mas no final das contas ela também acabou se afogando. Estava afogada em loucura...

Respirou fundo e abriu os olhos no momento em que sua mão tocou o pelo grosso, emaranhado e sujo do *Guardião*. Lentamente, começou a acarinhá-lo, primeiramente nas costas, depois foi para o rosto, quando perdeu o medo das mordidas. O cão pareceu gostar, mas ainda estava apreensivo e desconfiado. Ele deu um passo à frente e quase caiu, ainda estava tonto e debilitado.

– Calma, calma, sente-se um pouco, você precisa descansar, foi uma paulada e tanto – falou Cintia afagando-o.

O cão deitou-se no chão de terra quando os últimos curiosos se afastavam. Cintia continuou fazendo carinho nele até que estivesse mais calmo, então verificou o ouvido do animal, viu o fio de sangue que havia escorrido dali, já coagulado sobre o pelo cinzento e empoeirado, mas não encontrou nenhum ferimento. “Nada que ele não consiga aguentar”, disse a si mesma.

– Você podia pegar um pouco de água, o que acha? – indagou Cintia ao indesejado companheiro. – Faça alguma coisa, para variar um pouco.

Ele soltou aquela gargalhada que ela tanto odiava, cheia de sarcasmo e fúria. Ele certamente era um ser de pura amargura.

– Acha que vou ajudá-la agora? Só porque encontrou seu maldito *Guardião*? Você está mais louca do que eu imaginava, velha!



– Filho da puta – falou a mulher, ainda sem coragem de olhar para ele.

– O maior desejo da minha vida é ver você morrer agonizando, mergulhada em tristeza e arrependimento. Sua velha covarde!

Cintia fechou os olhos e respirou fundo, havia sido um erro dirigir a palavra a *ele*. Havia anos que ela já sabia que não poderia contar com ele para nada. Ele só existia para atormentá-la. Nunca a ajudaria, ela sabia disso, mas estava muito emocionada por ter finalmente chegado ao fim de sua jornada. Seus lábios se transformaram em sorriso, enquanto ela afagava aquele pelo sujo e todo emaranhado. “Estou a um passo de minha salvação”, pensou.

O cão adormeceu na sombra de uma árvore e Cintia dirigiu-se até a rodoviária, em busca de água. Foi fácil encontrar um pote no lixo, lavou-o e encheu-o no bebedouro. Quando retornou para perto do *Guardião* o sol já havia se escondido no horizonte.

O cachorro acordou logo que Cintia se aproximou, estava tenso e alerta, no entanto quando ela lhe ofereceu a água, ele aceitou de forma sedenta e, em poucos instantes, o pote ficou vazio. Cintia sentou-se recostada em uma árvore a fim de observá-lo saciar-se. Ele estava tão sujo quanto ela, apesar de melhor alimentado.

Ao terminar a água, o *Guardião* levantou a cabeça e olhou-a nos olhos. A princípio

Cintia não sentiu nada, mas na medida em que ia sustentando o olhar, ela começou a sentir uma incontrolável vontade de chorar e, sem pedir permissão, as lágrimas deixaram os olhos e rolaram pelo rosto.

Ela não sabia por que *exatamente* estava chorando, mas era muito intenso. Pensou primeiro no garoto dando uma paulada no cão e aquilo pareceu lhe perfurar o coração, sentiu pena do animal, que não merecia nenhuma violência. Depois a dor mudou de lugar, passou a sentir pena de si mesma...

Não conseguia parar de olhar para os profundos olhos do bicho. Eles pareciam mudar de cor, iam de um azul acinzentado para um branco opaco e leitoso. A mudança de cor acontecia em um ritmo lento e hipnótico.

Novamente as memórias dos amores voltaram, como pontadas em seu coração, e as lágrimas correram ainda mais nas últimas luzes do dia. A amargura e o peso das escolhas não feitas a fizeram soluçar entre as lágrimas. E a ideia de que o tempo só seguia adiante e não permitia voltas tomou conta de seus pensamentos.

Um desespero profundo tomou conta dela, apavorando-a. Era difícil respirar entre o choro compulsivo e os soluços incontrolláveis que se apoderaram dela. Mas o mais difícil era desviar o olhar do cão-ovelha. Era como se ela tivesse ficado presa naquela troca de olhares.

“Ele sabe! Ele sabe o que estou sentindo”, pensou Cintia forçando-se a olhar para o lado, ou para outra coisa qualquer, sem sucesso. “Este é o poder do *Guardião*, ele está lendo meus pensamentos, está me avaliando”, compreendeu por fim.

Uma nova onda de lembranças invadiu sua mente: lembrou-se de como era acordar ao lado de Isaias, abrir os olhos e vislumbrar sua nuca e seus cabelos emaranhados no cangote mais cheiroso do mundo. A lembrança fez Cintia se deliciar. Mas, de repente, outro cheiro invadiu a memória: era o cheiro de Moacir, um odor forte e doce, que ela tanto amava. E tudo se tornou confuso...

Repentinamente Isaias era Moacir, mas agora era o cheiro de Isaias que estava no ar.

Aquilo a entristeceu e a memória se tornou amarga. “Não quero escolher”, pensou com todas as suas forças. Então, subitamente, quebrando a memória dos amores, ela ouviu uma voz, fria como uma noite de inverno e desprovida de qualquer ternura ou carinho:

– Velha covarde! Dê-me um pai! Dê-me um pai! – gritava.  
– Vamos! *Escolha!*

“Não posso!”, Cintia respondia em sua mente. “Não posso!”

– Qualquer um deles! Mas preciso de *algum*! – respondia-lhe a fria voz.

Era a voz que a acompanhava para todos os lados. A voz daquele *maldito* que só existia para atormentá-la, aonde quer que fosse. *Ele* era sua maldição. A maldição nascida da sua covardia e incapacidade de escolha. Era seu medo e sua vergonha encarnados. Seu *eterno* companheiro de viagem.

– Dê-me um pai! – o som ecoava em seu interior, com uma vibração absurda. Ela fechou os olhos.

Agora só sentia as lágrimas escorrendo pelo rosto, salpicando seu lábio com um gosto salgado. Sentiu os joelhos no chão, doloridos, como se tivesse acabado de cair, e, quando abriu os olhos, o cão-ovelha ainda a fitava, imóvel, como uma figura esculpida em pedra. Cintia estava ajoelhada à sua frente, com o rosto inchado de tanto chorar. A lua já estava alta no céu e, de repente, um cansaço imenso se apoderou dela.

Por fim, o *Guardião* desviou o olhar e o coração de Cintia ficou novamente leve, as memórias foram afastadas. Aos poucos ela voltou para o momento presente, percebeu que ninguém mais estava no estacionamento da rodoviária, a não ser ela e o enorme cão.

Ela voltou a se encostar na árvore e tornou a fitar o animal. “Eu acabei de sentir o poder do *Guardião*”, disse a si mesma. “Ele agora sabe por que estou aqui...”

– Acordou, velha maldita? – ouviu a voz indesejada ecoando pelo estacionamento da rodoviária.

– Achei que tivesse ido embora – retrucou Cintia. – Mas pelo jeito não tive tanta sorte.

– Ah! Jamais! Vou estar contigo até o fim. Vou cantar uma bela música feliz sobre a sua sepultura – grunhiu seu indesejado companheiro. – Quem sabe eu mije em cima do seu cadáver podre!

Cintia ouvia a voz vinda das suas costas, de trás da árvore onde estava encostada. Ela agradeceu, pois não tinha a menor

vontade de encará-lo. Aliás, fazia *muito tempo* que não olhava para ele. Odiava a sensação de ouvi-lo, mas vê-lo era sempre muito pior.

– Faça como quiser, mas agora me deixe dormir! – respondeu a velha e voltou a olhar para o cão.

O *Guardião* estava olhando para a lua e assim permaneceu por muito tempo. Cintia já havia adormecido, grata por seu companheiro de viagem ter se calado, quando sentiu o calor do enorme cão que se deitou sobre ela, apoiando a grande cabeça em seu colo. Ela afagou seus pelos e acarinhou-o até que ambos adormeceram.

Naquela noite não sonhou e teve um sono muito profundo e restaurador, mesmo tendo dormido sentada. Quando abriu os olhos novamente o sol havia acabado de nascer e as cores voltavam ao mundo. Percebeu que o *Guardião* já estava acordado e parecia estar esperando por ela.

– Bom dia... – disse ao cachorro.

Ele latiu em resposta e começou a andar. Quando percebeu que Cintia não o havia acompanhado, virou-se para encará-la e latiu novamente.

– *Venha!*

“Ele está me chamando”, pensou, levantando-se devagar. Mesmo assim sentiu o quadril latejar e estralar. Aquela queda realmente havia machucado sua bacia. Pôs-se em pé e logo estava seguindo o cão, ele caminhava mais à frente, mas sempre olhava para trás, como que para conferir se ela o estava seguindo.

“Ele está me levando para o *Povo Criança*”, pensou Cintia, animada. Seu coração acelerou e uma euforia enorme tomou conta dela. Sentia-se uma criança novamente e, se o seu corpo permitisse, estaria saltitando de felicidade. Um sorriso surgiu em sua face.

– Não se empolgue tanto assim, velha estúpida! – rosnou seu companheiro, às suas costas. – Você não sabe *para onde* esse seu *Guardião* a está levando.

– Se está tão preocupado, pode ficar aqui – respondeu Cintia, com dureza. – Não sentirei sua falta.

– Pode ser que esse cachorro não seja o *Guardião* afinal... – ele disse, com crueldade na voz. – Pode ser só uma loucura da sua cabeça...

– Bom, repito novamente: se está preocupado, não venha junto, fique aqui. Não quero sua companhia – Ela não queria semear dúvidas em suas certezas, que estavam tão floridas.

– Espero que você não demore para morrer, velha!

Ela o ignorou, apenas continuou seguindo o cachorro, que agora estava se afastando da cidade e indo em direção à praia. Em poucos instantes, o grupo descia uma parte pedregosa, a fim de chegar até a areia branca que se mostrava de braços abertos para receber o mar e suas incansáveis ondas.

O cão-ovelha parou na parte onde a areia estava molhada e compacta. E ali ficou, observando o mar avançar e recuar. Agora seus olhos estavam azuis com um leve tom acinzentado. Cintia sentou-se ao seu lado, sentindo a água salgada avançar sobre si mesma, molhando seu calção masculino de futebol. Sentiu uma dor incômoda quando a água salgada entrou em contato com as bolhas estouradas de seus pés, mas ignorou aquilo.

A água estava gelada, e era bom para refrescar. Era o mais perto de um banho que havia chegado nos últimos tempos. O cão se virou para encará-la e, novamente, quando seus olhos se encontraram, ela sentiu-se presa ao olhar dele e suas memórias e dores fervilharam outra vez.

– *O que você quer?*

Cintia ouviu as palavras em uma voz rouca e serena, era uma voz aconchegante e terrível ao mesmo tempo. A boca do cão não se mexeu, mas o som ainda reverberava dentro dos ouvidos de Cintia. “Isso é impossível”, disse para si mesma, mas ainda ouvia a voz, como um eco.

“Estou ficando louca”, pensou. “Mas foi para isso que vim...”, refletiu convicta. “Não posso me dar ao luxo de dúvidas

nessa altura do campeonato”, tentou se convencer. “Agora é chegada a hora de me abrir para o *Guardião...*”, concluiu.

- Quero encontrar o *Povo Criança*. – disse, sem muita convicção.

O cão apenas a fitava, com olhos de dúvida e incerteza. Ela sentia a reprovação naquele olhar. Ele latiu e pareceu sorrir, mas não dava para ter certeza, mas isso foi o suficiente para Cintia. Era, no entanto, um sorriso que trazia algo de desafiador. “Não é assim tão simples, ele parecia estar dizendo...”. A água do mar avançava e retrocedia em ritmo descompassado, molhando as pernas e a bunda da andarilha e as patas dianteiras e o traseiro do *Guardião*.

“*Não é assim tão simples...*”, a voz reverberava em seus ouvidos e pensamentos.

## CAPÍTULO 3

### O SONHO

Cintia ouviu os passos de seu companheiro indesejado para-rem às suas costas, ele havia optado por vir, no fim das contas. “Está curioso”, pensou, enquanto fitava o mar à luz da manhã e sentia o vento lhe acariciar o rosto. “Por mais que tente semear a dúvida dentro de mim, ele teme que esse cão seja, de fato, o *Guardião do Povo Criança*”, disse a si mesma e um sorriso brotou em sua face.

Ela afagou o pelo do cão-ovelha com carinho e então se lembrou da voz que tinha falado com ela em seu sonho. No sonho que havia começado tudo aquilo. A voz lhe dissera: “Quando encontrar o *Guardião*, diga a ele o *motivo* de você estar ali. Diga-lhe seu maior *desejo*, seu maior *sonho*”.

– Não posso vacilar agora. Este *não* é um bom momento para dúvidas – murmurou ela, tão baixo que, certamente, nem o cão, nem seu companheiro poderiam ter ouvido.

O cachorro, que estava contemplando o mar, virou o rosto para Cintia e uma terceira vez ela sentiu aquele olhar a penetrando e a aprisionando. De alguma forma, percebeu que era o momento para se abrir, era agora que começava o *julgamento* do *Guardião*. E, no fim, ou ele a levaria até o *Povo*



*Criança*, ou ela estaria condenada a envelhecer e enlouquecer até seu corpo definhar e se tornar um cadáver.

O olhar era profundo demais para ser desviado. Lágrimas saltaram de seus olhos no momento em que os soluços subiram pelo peito. Novamente, ela estava incontrolável. Memórias rodopiaram, carregadas de covardia e medo, temperadas pela amargura da incapacidade de fazer escolhas.

– Eu sei que você é o *Guardião* – disse ao cão. – Foram os *sonhos* que me mostraram o caminho.

Ele continuava a fitá-la, seu olhar era o de um juiz, severo e inflexível.

– Eu vi o *caminho da cobra* em meus sonhos, era uma estrada gigantesca, rodeada por cascavéis. Enquanto eu caminhava, todas as cobras vibravam seus chocalhos, tentando me intimidar. Quando continuei, elas ameaçaram me atacar, então fechei meus olhos e elas começaram a falar. Tentavam me convencer de que aquilo era uma loucura, eu deveria parar de seguir aquele caminho, que serpenteava em um eterno zigue-zague – relatou Cintia, lembrando-se claramente daquele *sonho*. Enquanto as palavras saíam da sua boca, deliciosas, como lembranças da infância, o cão apenas a observava no fundo dos olhos, como se estivesse lendo sua alma. – Então eu comecei a cantar, para não as ouvir. Elas diziam que eu estava louca, que meu desejo era impossível, fiz muito esforço para não lhes dar atenção, e depois de caminhar mais do que achava ser possível, cheguei ao final do caminho.

Nesse momento o cão levantou uma sobrancelha, como se estivesse intrigado e curioso para ouvir o restante da história. “Isso é bom”, pensou Cintia. Ainda era impossível desviar o olhar daqueles olhos opacos e, naquele instante, pareceu a Cintia que o *Guardião* era cego.

– No final eu encontrei uma sombra, sem forma e cinzenta – continuou ela – que me disse que, por fim, eu havia completado o *caminho da cobra*. E ele era o *Guardião*, destinado a proteger muitos e ainda mais segredos. E então me perguntou...

– *O que você mais deseja?* – o rosto do cão novamente não se mexeu, nem sua boca executou qualquer movimento, mas Cintia ouviu sua voz. A pergunta ecoou dentro de sua cabeça, naquela mesma voz áspera, cansada, porém gentil, que possuía a sombra, no *sonho*.

Um arrepio subiu pela sua espinha e seus velhos mamilos enrijeceram.

– Isso! – exclamou, tentando controlar a ansiedade. Qualquer dúvida que ela havia tido esvaiu-se no ar. – Foi exatamente isso que ele me perguntou.

*Quando encontrar o Guardião, diga a ele o motivo de você estar ali. Diga-lhe seu maior desejo, seu maior sonho...*

– Meu maior sonho é ser jovem novamente – ouviu-se dizendo na luz da manhã. O vento soprou suas palavras em uma forte rajada.

O cão não esboçou nenhuma reação.

– Quero *amar* novamente. Quero ter *energia, beleza e tempo* em minha vida. E dessa vez escolherei. Não importa quantos amores a vida me apresente, *escolherei*. Não ficarei em cima do muro, não deixarei que uma não escolha governe minhas consequências. Não farei isso novamente – desabafou e, a cada palavra, sentia-se mais leve. A sensação de compartilhar aquela velha dor aliviava seu coração muito mais do que algum dia ela havia imaginado ser capaz. As lágrimas recomeçaram, mas dessa vez vieram desacompanhadas dos soluços, o que permitiu que Cintia continuasse: – Estou aqui, perante você, *Guardião do Povo Criança, da gente que nunca envelhece*, diante daquele que protege os *eternamente jovens*, o defensor dos *intocados pelo tempo*.

Essas foram as palavras que a sombra havia lhe dito no sonho. Dizê-las pareceu afetar o cão e, repentinamente, uma luz pareceu iluminar aqueles olhos mortos. Aos poucos a cor foi voltando ao olhar do animal e sua íris, lentamente, tornou-se cinza-azulada. Cintia levou aquilo como um sinal positivo, ela havia atraído à atenção dele.

O enorme cão-ovelha pôs-se nas quatro patas, enquanto uma onda do mar se quebrou entre eles, uivou com força para o céu calmo da manhã. Aquilo fez novamente os pelos desgastados e sujos de Cintia se eriçarem. Ela sorriu e o cachorro voltou a sentar-se sobre as partes traseiras. Nesse momento, ela ouviu passos na areia e percebeu que seu indesejado companheiro também estava se sentando, do outro lado do *Guardião*.

Nesse momento, quebrou-se a troca de olhar entre ela e o cão.

“O que ele pensa que está fazendo?“, indagou-se em seus pensamentos. E, então, foi impossível não o contemplar. Fazia muito tempo desde que Cintia havia olhado para aquele monstruoso rosto. E por algum motivo, com o passar dos anos, o *maldito* havia passado a não ficar dentro de seu campo de visão, embora estivesse *sempre* presente e pronto para atormentá-la, para desgastá-la com suas palavras e sua negatividade.

*Ele* tinha uma cabeça menor do que o normal e parecia mal-formada, como um feto retirado cedo demais da barriga da mãe. Havia duas cavidades para os olhos, embora somente em uma delas existisse um pequeno globo ocular, com a íris vermelha, como a vingança. Um olho atrofiado, mas que era capaz de visualizar as profundezas do coração de Cintia. O nariz era uma ruína, todo torto e parecia *quebrado*, os buracos das narinas eram enormes e cheios de pelos. A boca era repuxada de um lado e o lábio inferior tremia. O corpo também parecia *errado* de alguma forma, as pernas e os braços eram muito compridos e desiguais, e o torso, muito pequeno e curvado. A *criatura* era manca e apresentava um andar coxeado e inseguro, era corcunda e todos os membros eram tortos. O *maldito* estava vestido com uma calça de tãtãl preta e uma camiseta de algodão, cinzenta, rasgada e sem estampas.

Só contemplar aquele rosto já causou um desconforto no estômago de Cintia e ela teve que desviar o olhar. O animal

também pareceu notar a chegada do companheiro, observou-o com detalhado interesse, pelo jeito, também o estava avaliando. “O que esse miserável deseja com o *Guardião?*”, interrogou-se, confusa.

Os dois ficaram se encarando pelo que pareceu uma eternidade, em silêncio, só o vento e o constante barulho do mar se quebrando contra a praia embalava a calmaria daquela manhã, colorida com esperança, excitação e medo. Cintia estava intrigada, mas não disse palavra. O que quer que fosse acontecer, ela estaria pronta.

*Afinal, os sonhos a haviam guiado e agora ela estava ali, no final do caminho da cobra, de frente para o Guardião do Povo Criança. Estava a um passo de sua segunda chance... De sua segunda juventude...*

Por fim, os dois quebraram a troca de olhar e o cão se voltou para ela. Novamente estava com a expressão dura e inflexível e trazia o olhar avaliador. Dessa vez, quando Cintia contemplou o olhar do cão, sentiu-se mais à vontade, mesmo que incapaz de o desviar. Aparentemente esse era um dos poderes que ele possuía.

– *Por quê? Conte-me!* – disse o *Guardião*, com a mesma voz do sonho, ela ecoou em sua cabeça, tão claramente como um alto-falante. Sem pestanejar, Cintia pegou-se dizendo:

– Pois estou amaldiçoada... – disse, conseguindo desviar o olhar do cão, e pousando os olhos em seu odiado companheiro. O único olho vermelho da criatura a fitava, exalando mágoa e raiva. – Eu sou a responsável pela existência deste *não-nascido*, fui incapaz de encontrar um pai para ele, e então o amor e a covardia me amaldiçoaram...

– É isso que eu sou para você, *velha*? Uma maldição? – indagou o ser mal-formado com a voz afiada como navalha. – É assim que chama o ser que deveria ter sido seu *filho*?

– Você é vil e maligno! Não é meu filho! – gritou Cintia. O cão não esboçou reação, olhava de Cintia para o *não-nascido* e tornava a olhar para Cintia.

– Não sou! Está certa! Pois sua covardia não permitiu que eu nascesse – a voz dele era carregada de ódio.

– E por isso você decidiu me atormentar até os meus últimos dias? – perguntou ela em resposta. – Eu por acaso sou *obrigada* a gerar um filho?

– Eu não decidi nada! Não tenho escolha! Você me fez assim! – o pequeno olho vermelho se comprimiu. – Posso não ser seu filho, mas sou *criação* sua.

O *Guardião* latiu, como que colocando um ponto final naquela inútil discussão. Ele fitou Cintia e o companheiro por um instante e então voltou sua atenção para o mar.

– Eu quero o segredo do *Povo Criança*. Quero ser *jovem* novamente, para poder amar outra vez. E então gerarei um filho e colocarei fim nesta maldição. Assim, o *não-nascido* poderá nascer – a voz de Cintia era carregada de cansaço. – Já estou velha e incapaz de acabar com esta maldição por mim mesma, não posso mais ter filhos, e não conseguirei ir até o final da minha existência se tiver como companheiro essa monstruosidade.

Aquelas palavras pareceram afetar o *não-nascido*. Ele fungou e cuspiu na areia. Olhou Cintia nos olhos enquanto algumas gaivotas cruzaram o céu azul da manhã, despreocupadas. As ondas se quebravam contra a areia e, volta e meia, a água chegava até onde os três estavam sentados. Suas bolhas nos pés, estouradas, reclamavam de dor cada vez que a água salgada as beijava.

– Eu amei dois homens na minha vida, Isaias e Moacir. Um era doce e gentil e o outro vigoroso e aventureiro. Meu coração se dividiu ao meio. Por um tempo pensei que quanto mais amor, melhor, mas as coisas não são bem assim... – se pegou dizendo ao cachorro. – Do jeito que fomos ensinados a amar, é impossível multiplicar o amor, só nos é permitido dividi-lo. E as divisões causam dor e afastamento. Dividir significa escolher entre um *ou* outro, ao passo que multiplicar é amar um e outro. Eu tentei multiplicar, mas o mundo não me permitiu... Percebe?

O cão não respondeu, apenas continuou olhando para ela. O *não-nascido* contemplava o mar. Ele já sabia a história de Cintia de trás para frente e poderia contá-la com os mesmos detalhes se quisesse, ela estava certa disso. Ódio e mágoa ainda exalavam do *maldito*, como sempre, mas agora esses sentimentos estavam mais intensos e potentes. “Eu o magoei com minhas palavras...”, pensou ela.

– Amei os dois em segredo, sem que um soubesse do outro, e esse foi o meu erro. Cultivei a ilusão de amá-los por toda minha vida, pois ambos me complementavam, eram peças diferentes do quebra-cabeça que era o meu coração, eles me faziam sentir plena e completa. Mas só se as duas peças fossem encaixadas simultaneamente, se só uma estivesse presente, era como se algo estivesse faltando: o coração estava incompleto. Eu *queria* os dois – suspirou, olhando a imensidão do mar esverdeado que se estendia diante de seus olhos cansados. Fechou-os, recordando-se dos sorrisos de Moacir e dos carinhos de Isaías e, então, continuou: – Mas logo a *realidade* caiu sobre mim e eu fui *forçada* a escolher. Moacir decidiu ir embora e, daquela vez, seria para sempre, ele me convidou para ir com ele.

O *não-nascido* levantou-se e caminhou até o mar, ficando com água pelos joelhos e dando as costas para Cintia e o Guardião. Ele pegou um pouco de areia com as mãos e deixou que ela escorresse por entre seus dedos deformados. Naquele instante, a velha sentiu pena dele, como poucas vezes havia acontecido.

– E aí estava minha escolha... – continuou ela, voltando a olhar para o cão. O sol se escondeu atrás de uma nuvem, dando uma trégua para o calor intenso que já assolava a manhã. – Ou eu partiria juntamente com Moacir, abandonando Isaías, ou eu o deixaria ir, para sempre, e ficaria com Isaías. Uma escolha simples, mas terrivelmente difícil para o meu coração. Uma das peças do quebra-cabeça estaria perdida para sempre.

O Guardião deitou-se com a cabeça nas patas dianteiras, mas não retirou os olhos de Cintia. Ela percebeu que ele continuava prestando atenção.

– Desesperada e com o coração sangrando e dividido eu tentei escolher os dois. Deixaria Moacir ir, mas de tempos em tempos o visitaria, para alimentar o nosso amor – lágrimas vieram aos olhos dela, aquelas eram memórias dolorosas. – Assim foi feito e minha ruína caiu sobre mim. Quando ficar com Isaías, Moacir entendeu que eu não desejava acompanhá-lo, ou não tinha coragem para isso. Nesse meio tempo, eu e Isaías aprofundamos o nosso amor, ele se tornou tão intenso que junto com ele veio o *peso*. Para mim é impossível amar sem liberdade, e aos poucos e sutilmente Isaías foi cerceando minhas liberdades, até que me senti completamente presa a ele. Então decidi ir embora, ira atrás de Moacir, o que deixou Isaías perdido e confuso. Eu não consegui encontrar Moacir por anos, e quando nos vimos novamente, ele já havia se envolvido com outra mulher e havia tido filhos com ela. Fiquei desesperada e, quando percebi que minha única chance de viver o amor era com Isaías, eu voltei para ele, mas a essa altura, ele havia matado seu amor por mim, ele já estava casado com outra mulher. E assim foi minha história de amor... Pelo fato de não conseguir *escolher*, acabei perdendo os dois.

– Por pura burrice. Um pássaro na mão é melhor do que dois voando. E quem muito escolhe, acaba sendo escolhido – comentou o *não-nascido*, ainda de costas para eles, com água até os joelhos. – Ou não, como é o seu caso. Qualquer um dos dois poderia ter sido o meu pai. Mas você *devia* ter escolhido *algum* deles...

Cintia o ignorou, e continuou conversando com o *Guardião*.

– Os anos que se seguiram à perda dos meus amores foram terríveis e eu caí em profunda confusão e depressão. Foram longos períodos de isolamento, e foi então que a maldição caiu sobre mim e *ele* apareceu – falou Cintia, apontando para o ser deformado que estava no mar, de costas para eles. – Foi então que meu tormento se iniciou.

– Foi aí que sua *loucura* se iniciou e você me *criou*, em sua necessidade insana de culpar a si mesma e materializar

essa culpa – disse o *não-nascido*, com a voz carregada do veneno da amargura. – Eu nunca pedi para ser *criado*... Sua louca!

Novamente Cintia ignorou aquelas palavras.

– Até que depois de velha, a esperança voltou. Sonhei com o caminho da cobra, de uma Cascavel até a outra, e ele se tornou *real*, sonhei com o *Guardião* cinzento, e ele também provou ser *real* – disse Cintia contemplando o pelo cinzento do cão-ovelha. – Logo, acredito que o *Povo Criança* também é *real*. Assim como a possibilidade de eu voltar a ser jovem. A possibilidade de uma segunda chance, para que eu possa gerar um filho e reviver o amor em mim...

O cão olhou para ela por um momento, estudando-a e, então, abanou a cabeça para cima e para baixo, em uma lenta afirmativa. Nesse instante, o coração de Cintia bateu mais rápido e acelerado, ela flutuou. Estava cada vez mais próxima de sua nova oportunidade. “Dessa vez farei as coisas do jeito certo”, disse para si mesma em seus pensamentos.

– Quero uma segunda chance! Quero ser jovem outra vez. Eles podem fazer isso? Podem realizar o meu *sonho*? – a voz dela saiu tão cheia de expectativa e medo, que soou infantil e ingênua. – Você pode me levar até eles? Até o *Povo Criança*? Pode me ajudar a colocar um fim nessa maldição?

O cão demorou o olhar sobre ela, Cintia sabia que agora viria o veredicto do julgamento, e depois de um tempo, que pareceu ser uma eternidade, a voz respondeu:

– *Eles podem realizar seu sonho*

Daquela vez a voz soou clara e calma em sua mente. A resposta positiva fez com que o coração de Cintia acendesse esperanças que estavam havia muito tempo adormecidas. Mais lágrimas caíram de seus olhos, sem que ela pudesse controlar. Ela estava arrepiada quando o vento dançou em uma calma maresia.

– Me leve até eles! Por favor! O que eu preciso fazer? – indagou a louca.



– *Os sonhos lhe mostrarão* – o cão lhe disse em seus pensamentos.

E, com isso, ele levantou-se e começou a caminhar pela praia, a velha se levantou com dificuldade, sentindo dores na bacia e nas bolhas estouradas dos pés, mas lentamente foi atrás do *Guardião*. Poucos momentos depois, ela ouviu o som de passos e soube que o *não-nascido* os acompanhava também.

O restante daquele dia foi preenchido com caminhadas pela praia e reflexões. Cintia estava recarregada de esperança, mas toda essa esperança trazia junto um medo terrível. O medo de estar se iludindo, de estar alimentando falsas expectativas. “Seria mesmo possível voltar a ser jovem?”, ela se perguntou inúmeras vezes no decorrer daquele gostoso dia. E cada vez encontrava uma resposta diferente para a pergunta.

Talvez ela fosse louca de fato e estivesse inventando todas aquelas coisas. Os sonhos, o cão, o *Povo Criança*... “Não!”, uma voz no fundo da sua cabeça gritou. “Têm que ser verdade! Tudo foi verdade até agora. O caminho da cobra, o *Guardião*... *Os intocados pelo tempo* também serão, assim como minha possibilidade de rejuvenescer”. Mas uma dúvida terrível permanecia em seu interior, corroendo-a.

O sol se mostrou forte por todo o dia e muitas vezes eles tiveram que buscar o abrigo nas sombras das árvores. Quando as horas se estenderam além do meio-dia, o *Guardião* a levou até a cidade novamente. Ele caminhou até uma construção bem velha, feita toda de madeira, com uma pintura azulada, já bem desbotada e descascada. Cintia percebeu que era um restaurante e observou que o recinto já estava fechado, mas viu que alguns funcionários estavam distribuindo as sobras de comida para quem viesse pedir. No instante em que Cintia chegou ali, uma fila já estava formada e ela esperou para receber sua porção. Arroz branco, feijão preto, mandioca e um molho com pequenos pedaços de carne de porco. “Um banquete!”, exclamou para si mesma. Quando todas as pessoas foram servidas e ninguém mais reivindicou comida, os funcionários do

restaurante colocaram o restante em inúmeras tigelas de alumínio, para alimentar os possíveis cães e gatos que viessem à procura de alimento. O *Guardião* se fartou com a sua porção e então, satisfeitos, retornaram à praia.

A tarde se desenrolou lenta e tranquilamente, como a marésia que a embalava. O horizonte azulado contra o mar era uma linda visão e Cintia contemplou a beleza do entardecer, como não fazia havia muitos anos. A esperança e a alegria transbordavam dela e os sorrisos vinham facilmente ao rosto, como nos tempos da juventude, como nos tempos do amor em sua vida. “Será que já estou começando a rejuvenescer? Serão os sorrisos o primeiro estágio?”, ela se pegava perguntando vez em quando.

Sentir-se feliz e contemplar a plenitude e a beleza da vida são coisas que somente os seres minimante em paz conseguem desfrutar. Cintia tinha certeza disso e, portanto, durante anos a fio ela simplesmente virou as costas para o crepúsculo e abraçou a noite sem menores considerações, nunca se permitindo desfrutar um pôr-do-sol. Mas agora ela estava se sentindo um pouco em paz. Ou pelo menos era o máximo de paz que sentia em anos e aquilo era bom, era *excelente*.

Por alguns instantes, sentiu como se Moacir ou Isaias estivessem a seu lado. Chorou, riu, dançou, pulou ondas no mar e construiu castelos de areia, brincou com o vento e correu atrás dos caranguejos e siris que encontrou, rolou na praia com o cão-ovelha e até mesmo conseguiu encarar o *não-nascido* nos olhos sem sentir nenhum incômodo. Um belo dia, quase perfeito, como o dia que antecede uma grande festa ou uma grande viagem, cheio de expectativas positivas e esperanças.

Os três viram o sol se pôr atrás do mar enquanto estavam sentados debaixo de um pé de ameixas amarelas, carregado. Cintia, o cão e o *não-nascido* se banquetearam enquanto vislumbravam o astro de fogo esconder-se para dar lugar às estrelas. O vento ainda soprava quente e em rajadas curtas e desejadas, as cigarras começaram uma melodia suave para que alguns vaga-lumes pudessem dançar.

Embalada por essa melodia da natureza e com a boca doce e azeda do sabor das ameixas, sentindo os dedos melecados com o sumo das frutas e os pés doendo nas articulações, Cintia foi embalada para o sono. Ouvia o barulho do mar, quebrando-se pacientemente contra a areia, as cigarras estavam afinadas. As pálpebras de Cintia pesaram e se fecharam, cansadas e satisfeitas, havia muito tempo que ela não adormecia tão facilmente e com tanta tranquilidade. Apesar da ansiedade, o relaxamento criado pela paz de espírito a embalou e ela mergulhou no mundo dos sonhos.

E ela se viu novamente de frente para a sombra cinzenta, no final do caminho da cobra. A sombra agora tinha um formato semelhante ao de um cão enorme, mas ainda apresentava características borradas e amorfas, que só os sonhos podem trazer. O cão-borrão a encarava com um rosto distorcido e severo. Era difícil perceber qualquer expressão naquele animal, mas Cintia teve plena certeza de que sentia *aprovação* emanando dele.

– Encontrei você... – sussurrou ela em tom de confiança.

– Sim – respondeu o *Guardião*. – E você revelou seu maior *desejo*. Seu maior *sonho*.

– Sim, e agora? – indagou Cintia, e sua voz soou insegura e ansiosa.

– Agora eu te levarei ao *Povo Criança* – respondeu o *Guardião*-borrado, com a mesma voz que Cintia havia ouvido em sua cabeça, quando o cão-ovelha falou com ela na praia. – E você poderá desfazer sua maldição.

– O *não-nascido* desaparecerá?

– Somente quando você der à luz.

– Mas então eu voltarei a ser jovem? Poderei gerar filhos novamente? Não morrerei em breve? – as perguntas jorraram de dentro dela, como sangue em uma ferida recém-aberta.

– Sim, se tiver coragem para tanto – a voz do *Guardião* estava carregada de dúvida. – Reverter o tempo do corpo não é algo simples. E exige sacrifícios...

– Sacrificarei o que for preciso por uma *segunda chance*.

– Isso é o que veremos – disse o cão amorfo e começou a caminhar. Repentinamente a paisagem que era indefinida ganhou forma e Cintia percebeu que eles estavam novamente na praia. Mas o mar era vermelho e o sol estava escondido atrás de grossas nuvens cinzentas. A areia estava muito fria, como gelo triturado, e era mais cinzenta do que marrom, caminhar sobre ela machucava seus pés.

Cintia seguiu o *Guardião* e ambos andaram pelo que pareceu ser muito tempo. Ela queria fazer várias perguntas, mas as palavras ficaram travadas em sua garganta, ela apenas conseguia observar. Havia muitas pessoas na praia, mas era impossível ver os rostos delas, tudo era indefinido e borrado, como uma fotografia que é tirada de alguém em movimento. Olhar para essas pessoas causava náuseas e logo ela parou de fitá-las.

Quando pareceu estar caminhando por muitas horas, o cão amorfo parou e virou-se para Cintia. Observá-lo também causava náuseas na velha, mas ela manteve o olhar, era importante que ele percebesse que ela estava bem, estava firme e convicta de sua escolha. Ela *precisava* de uma *segunda chance*.

Enquanto pensava nisso, seus olhos se voltaram para o mar vermelho e, saindo da água, todo molhado, Cintia pôde ver Isaías, pequeno e belo, como ele era, estava com a barba por fazer e parecia imensamente triste. Ela tentou gritar para ele, mas sua voz não saiu. De repente Isaías se transformou em Moacir, alto e forte, com uma barba cheia e cabelos negros e longos, ele também estava encharcado com a água vermelha. Então Cintia percebeu que o mar era feito de sangue e lágrimas vieram aos seus olhos.

O ser que era ao mesmo tempo os dois homens que ela amara desapareceu e em seu lugar restava apenas o *não-nascido*, corcunda, com a cabeça enorme e o único olho vermelho e maligno a fitá-la. Ele começou a caminhar na direção dela, naquele andar desengonçado e descompassado que as pernas desiguais permitiam. Ela sentia ódio vindo dele, era a pior energia que ela já havia sentido na vida.

– Somente sangue pode curar feridas tão profundas, como as que você carrega – falou o *Guardião* e, nesse momento, ele começou a crescer, como um balão transparente que é preenchido com fumaça. A figura do cão borrado cresceu a ponto de ficar com mais de cinco metros. Agora era impossível vislumbrar o *não-nascido*, o cão o havia tapado. – Para ser jovem, você precisa se banhar no mar de sangue. No sangue do *Povo Criança*.

– Como? Onde está esse mar? – perguntou Cintia, sem entender e desesperada.

– O sangue está nos rios, mas você deve fazer esses rios transbordarem para formar o mar.

– Não entendo – gritou a velha em agonia.

– Os rios que correm dentro do *Povo Criança* – falou a figura cinzenta, que já perdia a forma de cachorro ao passo que evaporava e subia como fumaça em direção ao céu alaranjado. – *Somente sangue pode curar suas feridas... Somente sangue pode tornar-te jovem de novo.*

Então de uma maneira muito rápida o *Guardião* evaporou, juntamente com a paisagem: o céu, o mar, a areia e as pessoas amorfas. Tudo voltou a ser um grande *nada* incompreensível e silencioso. Instantes depois, Cintia vislumbrou duas crianças se formando, elas estavam brincando felizes naquele limbo sem forma. A velha aos poucos foi se aproximando delas, andando insegura em meio ao espaço vazio. As crianças a olharam sorrindo e, sem mais nem menos, suas gargantas se abriram, sangue jorrou, vermelho e viscoso, saindo das veias, dos rios, e formando uma enorme poça escura, o *mar de sangue*.

Cintia acordou sobressaltada e percebeu que ainda estava debaixo do pé de ameixas. Seu indesejado companheiro estava longe, sentado na areia e fitando o mar, que havia voltado ao normal, era feito de água, não mais de sangue, e agora perdia as cores do crepúsculo, para ser tingido pela noite. O sol já havia se escondido e a noite encobria o mundo com suas trevas. O enorme cão cinzento estava ao lado dela e observava-a

com grande interesse. Cintia sentou-se com dificuldade, sentindo uma fisgada na bacia e dores em todas as articulações do corpo. As bolhas estouradas dos pés estavam coçando tanto quanto doendo e algumas moscas que ali estavam pousadas levantaram voo quando ela se moveu. Percebeu que seu coração estava disparado e a cena das crianças com as gargantas abertas voltou aos seus pensamentos.

– *Somente sangue pode curar suas feridas... Somente sangue pode tornar-te jovem de novo...* – era a mesma voz, a voz do *Guardião*. Ela a ouviu em sua mente, mas de alguma forma ela parecia vir do cão-ovelha. Cintia se virou para ele e percebeu que o animal a encarava sério e intrigado.

– Sim... – ela disse para ele e se levantou, lentamente e com dificuldade, lutando contra as múltiplas dores. – Eu sei o que preciso fazer, leve-me até o *Povo Criança*...

Sem esboçar nenhuma reação, o cão se levantou e começou a caminhar pela praia que, cada vez mais, se tornava escura com o fim da luz do sol. A lua já aparecia no céu, sorrindo desdenhosamente para a velha, em sua fase crescente. Cintia seguiu o cão sem dizer palavra, arrastando os cansados pés pela areia ainda quente. Novamente a exaustão tomou conta dela, seu estômago roncou e ela percebeu que estava com a boca seca. Mas nada disso importava, era hora de *conseguir sua segunda chance*.

Por fim, ouviu os passos de seu companheiro de viagem seguindo-os e ela não se surpreendeu nem um pouco. O *maldito* certamente estaria tão curioso e determinado quanto ela. Afinal, se essa era a última chance para ela, o mesmo valia para ele. Era a última oportunidade dele de *nascer*...

## CAPÍTULO 4

### AS CRIANÇAS

O grupo caminhou bem menos do que Cintia havia imaginado, até que ouviram o som de vozes infantis rindo e conversando. Era impossível visualizar as crianças, a praia terminava em um aglomerado de rochas altas e as vozes vinham da outra praia, que ficava além das pedras.

Antes que Cintia tomasse qualquer atitude, o cão começou a subir o terreno irregular, ela o seguiu, apesar das dificuldades e dores que enfrentava. Em um momento da subida, sentiu uma forte fisgada no quadril, que pareceu subir coluna acima. A velha quase caiu e precisou dar uma pausa para se recuperar, respirou fundo e continuou. “Preciso vencer os desafios, preciso fazer os sacrifícios”, disse para si mesma.

Uma onda se quebrou contra as pedras, fazendo com que água salgada espirrasse para todos os lados, pequenas gotículas salpicaram seu cansado rosto, refrescando-a. O vento soprou uma forte e revigorante rajada bem no instante que ela atingiu o topo das pedras.

O que a confortava era o fato de que provavelmente aqueles eram os últimos momentos de velhice e debilidade que enfrentaria por um longo tempo. Esses eram seus últimos



instantes como *velha*, em breve ela seria novamente jovem e vigorosa. “Irei subir correndo essas pedras quando rejuvenescer”, pensou, com um sorriso ansioso.

A visão ali de cima das rochas era linda, sendo possível visualizar as duas praias, que se uniam exatamente naquele ponto, como dois longos braços de areia. O sol já havia desaparecido, mas as últimas luzes do dia ainda iluminavam o mar e, ao longe, ela observou dois pequenos barcos que voltavam para a costa. Respirou profundamente, de olhos fechados, e percebeu que seu coração estava acelerado, provavelmente um tanto era por causa da subida, mas certamente outro tanto era por conta da excitação e da ansiedade.

Abriu-os e iniciou a descida, sentando-se devagar, devido à latente dor na bacia, e colocando um pé de cada vez, a fim de manter o equilíbrio. Nesse momento uma de suas mãos escorregou na pedra lisa e ela caiu, seu corpo foi de costas enquanto ela tateava o ar à procura de um apoio em que se segurar.

O baque foi sonoro e doloroso, Cintia caiu de lado, sobre seu braço direito. Ouviu o som de algo quebrando e logo uma dor pulsante subiu pelo cotovelo em direção ao ombro. Ela gritou com raiva e força e sentiu novas latejadas vindo da bacia e da coluna e, então, apagou.

Quando abriu os olhos novamente, era noite e as estrelas se espalhavam no céu. Ela estava deitada de costas na areia, toda a lateral direita de seu corpo pulsava em uma dor aguda, que parecia vir direto dos ossos. Seu quadril parecia travado e amortecido, ela sentia pequenos choques na base da coluna. Olhou ao redor e viu duas silhuetas contra o céu. Respirou com dificuldade e sentiu o gosto de sangue. Percebeu várias pedras, grandes e pequenas, a seu redor, algumas estavam sujas.

– Veja, João! Ela está acordando – disse uma voz de criança.

– É verdade! – concordou uma segunda voz infantil. – Ainda bem que ela não morreu!

Cintia tentou se sentar, mas sentiu uma forte fisdada no braço e desistiu, deitando-se novamente. Gritou.

– Calma, senhora – falou a segunda voz e Cintia pôde perceber um menino se aproximando dela, curvando-se. – A senhora caiu das pedras, acho que quebrou o braço.

Ela forçou os olhos e percebeu que ele devia ter no máximo oito anos de idade, tinha a pele da cor do carvão e cabelos muito enrolados que cobriam toda a sua cabeça em um grande emaranhado. Seus olhos eram escuros como a noite e ele trazia um sorriso nos lábios.

– Onde está o *Guardião*? – indagou, mas sua voz saiu rouca e baixa.

– O quê? Não entendi. – respondeu o garoto.

– O *Guardião*... Onde ele está? – dessa vez soou mais clara, mas ainda rouca.

– Acho que ela tá falando do cachorro – comentou a primeira voz, que parecia ser de uma menina.

– Sim... – sussurrou Cintia.

– Ele está bem, Amanda deu comida pra ele – falou o garoto. – Não é?

– Sim, e água também – concordou a menina, aproximando-se de Cintia e também se inclinando sobre ela.

Ela era um pouco mais velha que o menino, provavelmente tinha dez ou onze anos de idade, pele morena, cor de cuia, e enormes olhos verdes. O cabelo era cacheado e caía até os ombros. Ela parecia preocupada e não desviava o olhar do braço de Cintia.

O vento soprou novamente, acariciando o grupo ao lado das rochas, mas, dessa vez, a velha sentiu frio. Aquela brisa foi o suficiente para que ela comesse a tremer, as dores subiam e desciam pelo corpo desgastado, em mordidas e pontadas dolorosas e agoniantes.

Ela sentiu vontade de chorar, mas então outra silhueta apareceu em seu campo de visão. O cão-ovelha estava ali e logo começou a lambê-la no rosto, para saudá-la. Aquilo fez

com que a vontade de chorar fosse afastada e um alívio tremendo preencheu seu coração.

Enquanto a lambia, o *Guardião* sussurrou em sua mente:

"Aqui está o *Povo Criança*, você sabe o que deve fazer..."

Os calafrios se intensificaram quando ouviu aquelas palavras. "*Somente sangue pode curar suas feridas... Somente sangue pode tornar-te jovem de novo*", ela repetiu as palavras em sua mente. Um gosto amargo veio à boca, misturando-se com o sabor do sangue. "*Eles podem realizar seu sonho*", disse para si mesma.

Tentou se levantar novamente, sabendo que sua segunda chance estava mais próxima do que nunca. "O que é um braço quebrado para quem está prestes a rejuvenescer? Logo isso não importará mais, devo fazer os sacrifícios necessários", pensou com convicção. Dessa vez, conseguiu apoiar-se o suficiente para ficar sentada. O cão se afastou dela e sentou-se na areia, contemplando a cena.

– Cuidado, senhora! – falou a menina. – Você não está bem, deveria ficar deitada mais um pouco, nós vamos buscar ajuda.

– Vocês são do *Povo Criança*? – perguntou Cintia, lutando contra a terrível dor no braço e as fisgadas na coluna.

Os garotos trocaram um olhar breve e foi difícil, para ela, ler o que aquilo significava. Seria dúvida? Medo? Reconhecimento? Culpa? Ela não conseguiu dizer, apenas ficou ali, sentada na areia observando-os. "Será que eu estou sendo tola? Talvez não devesse falar com eles", pensou.

– So... Somos – disse o garoto por fim, ainda lançando olhadelas para a garota.

– Somos daqui de Cascavel mesmo – continuou a menina. – Nascidos e criados.

– Ele é o *Guardião*? – perguntou a velha.

Novamente eles trocaram um olhar, dessa vez ele parecia ser de apreensão. Ninguém respondeu.

– Ele é o *Guardião* do *Povo Criança*? – insistiu.

Os dois se levantaram e o garoto sussurrou algo no ouvido da garota, Cintia não conseguiu ouvir, mas parecia uma confidência. “Ahá! Peguei vocês!”, pensou ela, tentando se agarrar desesperadamente a qualquer certeza. A garota respondeu, também sussurrando no ouvido do menino, Cintia não foi capaz de escutar. Eles estavam confabulando algo. “Será que estão me julgando? Será que estão decidindo o que fazer comigo?”, ela estava confusa e levemente nauseada. Mas o garoto havia admitido, eles *eram* membros do *Povo Criança*.

– Por favor... Eu quero ser abençoada pelo poder de vocês! Quero ser jovem novamente! Já expliquei tudo para o *Guardião*, ele me trouxe até aqui! Estou pronta! – falou a velha em tom de êxtase. – Me levem ao mar de sangue, para que eu possa quebrar minha maldição. Preciso que o *não-nascido* vá embora!

As crianças pareciam assustadas e intrigadas pelas palavras de Cintia. “Eles não gostaram de saber que sei o segredo deles”, pensou. E novamente a cena do sonho voltou a sua mente, aquela em que as gargantas dos membros do *Povo Criança* eram abertas para revelar o mar de sangue. “*Somente sangue pode curar suas feridas... Somente sangue pode tornar-te jovem de novo*”, ela repetiu as palavras que o *Guardião* havia lhe dito no sonho.

– Escute, acho que a senhora bateu a cabeça – iniciou o menino. – Nós vamos procurar ajuda, fique aqui, logo voltaremos com alguém.

– Tente não se mexer demais – disse a garota.

Então ambos viraram as costas para ela, a fim de sair da praia, iam em direção da cidade. As estrelas brilhavam no firmamento e a lua sorria aquele mesmo sorriso desdenhoso.

Cintia soube que eles estavam tentando fugir, ela havia descoberto o segredo deles e agora queriam dissimular. “Não permitirei que minha *segunda chance* fuja de mim”, afirmou para si mesma, enquanto a mão esquerda tateava à procura de uma pedra.

O restante aconteceu muito rápido...

Em um impulso veloz e extremamente doloroso, Cintia colocou-se em pé, sentindo o quadril estralar e as pernas fraquejarem e bambearem. Ela não conseguia mover o braço direito, que estava tomado por uma dor aguda e dilacerante, também sentia pontadas agudas vindo da base da coluna. Mas nada disso importava, ela precisava fazer o sacrifício, era sua única chance. Sua mão esquerda estava agarrada a uma pedra cinzenta, irregular, arredondada em baixo, e pontuda em cima, parcialmente coberta de musgo.

O golpe foi desajeitado, porém certo. Cintia saltou sobre o garoto, atacando com o braço esquerdo, com a mão cerrada em torno da pedra. Ela acertou diretamente a cabeça do menino, bem na lateral, atingindo a têmpora. O baque foi surdo e ambos caíram na areia.

O cão começou a latir descontroladamente e a garota gritou. Sangue escorria do ferimento recém-aberto na cabeça do garoto, deixando a areia molhada e escura. Cintia trazia um olhar vago e determinado e sem pensar duas vezes continuou a golpeá-lo na cabeça, procurando atingir o mesmo ponto. O som repetitivo de algo se quebrando tomou conta da praia, mesclados com os latidos do cão e os gritos da criança.

Quando teve certeza de que ele estava morto, Cintia ficou novamente em pé, sentindo o próprio corpo todo dolorido e quebrado, agora seu braço estava muito inchado e o quadril estralava a cada movimento. Sua mão esquerda estava coberta de sangue, que escorria pela pedra e pingava na praia.

– Meu Deus! Por favor, não! – gritou a garota quando Cintia olhou para ela.

– Eu sei o segredo de vocês! Este é o mar de sangue, que pode rejuvenescer! – falou a velha, apontando para a poça de sangue e cérebro que se formava frente ao menino com a cabeça esmagada. – É a minha vez de receber o dom da *gente que nunca envelhece*, a dádiva dos eternamente jovens, a bênção dos *intocados pelo tempo*!

– Não! – gritou novamente a criança em desespero e saiu correndo pela areia, fugindo com todas as suas forças.

Cintia tentou ir atrás dela, mas antes que pudesse dar mais que três passos sentiu uma mordida em sua perna esquerda. Os dentes do cão-ovelha cravaram em sua carne inúmeras vezes. Mais sangue manchou a areia da praia e ela caiu de joelhos, sem mais forças para ficar em pé, ou perseguir a fugitiva do *Povo Criança*. O cão rosnava e a ameaçava, com os dentes avermelhados à mostra.

– O que é isso? – indagou a velha. – O que você está fazendo?

*“O que preciso fazer, assim como você!”*

A resposta novamente ecoou em sua mente, mas ela estava perplexa. A essa altura a menina já estava longe, seus gritos eram agudos e mostravam claro desespero.

– Maldito! – berrou Cintia.

*“Eu sou o Guardião, se esqueceu?”*

– Então morrerá guardando! – disse a velha, impulsivando-se para atacar o cão.

Outro golpe desajeitado, então ela caiu na areia sem ao menos passar perto do cachorro. Ele continuava latindo e rosnando.

*“Um é suficiente! Esqueça de mim, você não tem muito tempo para se banhar no mar de sangue.”*

Cintia olhou-o desconfiada, ela estava confusa e assustada. Mas agora tinha ido longe demais para desistir. O *sacrifício* já estava feito e era compreensível que o *Guardião* protegesse o *Povo Criança*, afinal era para isso que ele estava ali, não era?

Ignorando o cão, ela dirigiu-se até o cadáver do garoto e ajoelhou-se ao seu lado. Quando baixou os olhos para ele e contemplou o cadáver que havia se tornado, sentiu náuseas incontroláveis e vomitou na areia. Teve que fazer força para conseguir se manter firme, seu corpo todo tremia. “Falta só mais um pouco”, disse para si mesma e, nesse momento, o cachorro tornou atacá-la, dando-lhe várias mordidas no braço quebrado.

Ela tentou afugentá-lo, mas ele se recusava a sair e não parava de mordê-la.

– Não tenho tempo para isso – disse, soltando a pedra no chão e se voltando para o cadáver. O *Guardião* insistia em suas ferozes mordidas.

Apressadamente, ela mergulhou a mãos na cabeça do garoto e começou a esfregar o sangue dele em si mesma. Passou no próprio rosto e seguiu para o pescoço. O sangue era quente e viscoso, aderiu facilmente à pele. Um sorriso veio aos lábios, enquanto ela tentava não vomitar novamente.

– Em breve serei tão jovem quanto você... – disse ela para o corpo com a cabeça destruída. – Terei minha *segunda chance*. Poderei *amar* novamente...

Em um movimento súbito, ela agarrou o pescoço do cão no momento em que ele avançava para mais uma mordida. A essa altura, seu braço direito sangrava de tanto ser mordido pelo *Guardião*. O sangue escorria e pingava entre os dedos. Ela já estava alucinada de dor e êxtase, sentia o coração palpitando raivosamente no peito, como se pulasse para fora.

Preso entre os braços de Cintia, o cão-ovelha debatia-se, tentando se livrar, mas de alguma forma a pegada estava bem-feita e, aos poucos, a velha foi apertando a garganta do animal. Numa tentativa de resistir, o cão começou a arranhá-la com as patas dianteiras. Aquilo não era nada se comparado com as mordidas de agora pouco.

– Somente sangue pode curar minhas feridas... Somente sangue pode tornar-me jovem de novo! – gritou Cintia, enquanto estrangulava o *Guardião*.

Ela pôde perceber o olho vermelho (ainda machucado devido à paulada) e o olho normal do animal perderem o brilho. Depois de alguns instantes se debatendo, arranhando e tentando morder, o cachorro estava sem forças e desfaleceu nos braços da velha. Ela o soltou e ele caiu com um baque. Ela lentamente pegou a pedra, ergueu-a no ar e contemplou o céu estrelado, dessa vez Cintia devolveu o sorriso de desdém para a lua.

– Obrigado... – disse ela quando baixou a pedra e começou a esmagar a cabeça do cão.

Quando teve certeza de que o *Guardião* estava morto, ela voltou-se para o menino. Ainda havia muito trabalho a ser feito. Foi então que percebeu: sua mão esquerda estava *diferente*, estava sem rugas ou varizes, não tinha mais a pele flácida e enrugada. Ela estava *jovem*, estava novamente bela e vigorosa, apesar do sangue que a cobria.

Aquilo levou Cintia ao delírio e todas suas dúvidas evaporaram de seu coração. *Era verdade*. Aquele era o *Povo Criança* e agora ela havia roubado a dádiva deles, ela rejuvenesceria, não havia dúvidas. Lágrimas vieram aos olhos e ela começou a soluçar.

Poderia finalmente encontrar o amor de novo, poderia ter de volta a vida que havia jogado fora. Poderia finalmente se livrar do não-nascido.

– Sim! – disse ela, enquanto virava a pedra na mão, ficando com a parte pontiaguda para baixo.

Sem pestanejar, afundou a ponta da pedra na barriga do garoto e começou a rasgá-lo de forma grotesca e brutal. Foram necessários vários golpes para abrir toda a barriga dele, mas ela nem se deu conta do tempo, estava mergulhada na esperança e na euforia.

Muito sangue começou a vazar do enorme ferimento que havia brotado no cadáver. Rapidamente ela soltou a pedra e começou a esfregar o sangue em todas as partes de seu velho corpo desgastado. Tirou a própria roupa, a fim de não deixar nenhuma parte sem ser *mergulhada no mar de sangue*. O processo demorou vários minutos e, quando ela terminou, era possível sentir o odor metálico que tomava conta do ambiente. Várias moscas já se banquetevavam, tanto com o corpo do cachorro quanto com a carcaça do menino.

Cintia sentou-se, encostada no aglomerado de rochas que dividia as praias. O vento soprou novamente no momento em que ela começou a sentir todo seu corpo formigar, era o poder do Povo Criança sendo transferido para ela. Aos poucos



foi se despedindo da velhice e do sofrimento, deixando para trás essa vida desgraçada que havia vivido e se preparando para uma nova, onde reinaria a alegria e o amor. Ela queria *amar* novamente... *Viver* novamente.

– Parabéns, velha maldita – falou a conhecida voz do *não-nascido*.

– Você... – disse ela em tom de desafio.

– Finalmente conseguiu? – indagou, com sarcasmo.

– Consegui. Andei o caminho da cobra, enfrentei o *Guardião* e obtive o segredo do *Povo Criança* – respondeu ela. – Tudo isso para me livrar de você. Saiba que está com os dias contados.

Ele riu alto, uma risada sincera e carregada de maldade.

– Acho que é você que está com os dias contados.

Ela o ignorou e se levantou com dificuldade. Seu braço direito era uma ruína, todo quebrado, inchado e cheio de mordidas. Sua bacia lhe dava agulhadas na coluna e estalava a cada passo. Ela estava toda coberta de sangue, mas estava plenamente feliz.

Olhou para as próprias pernas e para as próprias mãos e percebeu que não eram mais membros de uma velha, estavam *jovens*, estavam cheios de vida novamente. Ela não mais sentia a dor nos ossos e nas juntas, que havia sentido a vida toda. Claro que os ferimentos ainda estavam ali, mas isso em breve se resolveria. Caminhou nua, com dificuldade, e contemplou o próprio peito, notou que os seios estavam duros e em pé novamente, não eram mais aquelas mamas flácidas e moles com que estava acostumada há tantos anos, eram seios de uma mulher nova, com pouca idade.

Ela riu alto e satisfeita enquanto passava ao lado do cadáver do garoto. E, quando chegou até o mar, conseguiu ver o próprio reflexo na água escura da noite. Certamente seus olhos de velha não conseguiriam tê-lo visto, mas sua visão também estava melhor e mais apurada, como na juventude. Sentiu a água fria do mar acariciando-a enquanto entrava no mar.

Seu rosto estava coberto de sangue, mas as rugas, manchas, marcas e profundas olheiras haviam desaparecido. Ela estava com o mesmo rosto da era dourada de sua vida. O rosto que havia beijado os lábios de Isaías, o rosto que Moacir havia acarinhado. Ela era novamente Cintia, *a bela e jovem moça*.

– Satisfeita? – indagou seu indesejado companheiro.

– Como não estaria?

– Entendo... Acabou de enlouquecer de vez, então – riu o *maldito*.

– Cale-se! – disse ela, virando-se e encarando-o. Ele continuava *monstruoso* e o único olho vermelho fitava-a com curiosidade. Ele sorria desdenhoso, como a lua.

*Ele* caminhou até o cadáver do garoto e se ajoelhou, estava analisando o estrago. Cintia não queria mais olhar para nenhum dos dois e voltou sua atenção para o mar. Olhava para o futuro que teria, olhava para as inúmeras possibilidades que agora se abriam diante dela. As ondas quebravam-se contra o seu corpo jovem com água e sal e tudo na vida parecia possível novamente. Esse é o delicioso sabor que só quem sabe que tem *tempo* pode apreciar.

Fechou os olhos e deixou as lágrimas correrem, enquanto lavava o sangue do corpo que ainda formigava.

Quando terminou de se limpar, afastou-se do mar e retornou para a areia, estava exausta e quase sem forças. Recostou-se novamente nas rochas para descansar um pouco, entregue à exaustão. Adormeceu...

– acorde! Chegou a hora de encarar a *realidade* – era a voz do *não-nascido*.

Quando deu por si novamente e abriu os olhos, percebeu luzes vermelhas piscando há poucos metros de onde ela estava. Eram dois carros com sirenes, uma ambulância e uma viatura da polícia. Um desespero tomou conta de seu ser e ela tentou levantar-se rapidamente, no entanto descobriu que estava sem forças e que as dores estavam muito mais intensas e

violentas. O braço direito apresentava uma bola inchada no cotovelo e qualquer movimento a fazia retorcer-se inteira. Percebeu também que a coluna estava travada e ela não conseguia mover as pernas.

– Parada! Mãos na cabeça! – gritou uma voz ríspida.

Cintia pôde perceber dois policiais se aproximarem com armas em punho. Ao longe, uma pequena multidão de curiosos aglomerava-se. Ela estava tonta e percebeu que seu estômago estava embrulhado. Antes que pudesse responder, arqueou-se para frente e vomitou no próprio colo.

– Já disse! Mãos na cabeça! – gritou novamente o policial. – Agora! Ou vamos atirar!

Ela levantou o braço esquerdo atrás da cabeça, mas era impossível fazer o mesmo com o direito.

– Eu... Eu... Eu... – tentou pensar em alguma coisa para dizer, mas nenhuma palavra lhe ocorreu.

– Ela está com o braço quebrado – comentou o outro policial, mais gordo.

Ambos se aproximaram dela com as armas prontas para atirar e o mais magro a levantou com um puxão. Ela gritou quando sentiu as dores do quadril e do braço. O policial a virou de costas para as rochas e tentou algemá-la. Cintia, em desespero, tentou se soltar da imobilização, mas o policial é mais forte e simplesmente bateu a cabeça dela contra as rochas.

Por um momento, tudo se apagou de sua visão e instantes depois ela se percebeu de joelhos, algemada, e com um gosto forte de sangue na boca. Olhando para o chão conseguiu ver dois dentes ensanguentados na areia e, ao passar a língua pela gengiva, descobriu que eram seus. Nesse momento ela começou a rir ao mesmo tempo em que as lágrimas apareceram.

– Podem arrancar todos os meus dentes! Em breve não precisarei mais deles! Serei uma bela garotinha com dentes de leite! – gritou Cintia, em meio ao choro e aos risos.

– Cale a boca! – disse o policial mais gordo. – Você ao menos sabe o que fez?

Ela continuou rindo e chorando e, quando os policiais entenderam que não haveria outra resposta, colocaram-na em pé e começaram a arrastá-la para a viatura. Aos poucos os curiosos foram se aproximando, enquanto os paramédicos avaliavam o estado do garoto. Assombro e medo eram os sentimentos que Cintia podia contemplar na face do enfermeiro que observava o cadáver da criança.

Um grito veio da multidão de curiosos e Cintia viu aquela mesma senhora agradável que havia lhe oferecido as mangas e a água no momento em que ela havia chegado à Cascavel. O rosto da mulher estava tomado pela dor e ela estava chorando desesperadamente, catarro escorria de suas narinas e ela correu em direção ao cadáver.

– Meu neto! Meu Deus do céu tenha misericórdia! Não... Não... Não... Meu netinho... Meu João... – a mulher abraçou a carcaça sem vida do garoto e mais miolos e pedaços de crânio caíram na areia, saindo do enorme buraco no crânio.

– Você é um *monstro*! – comentou o policial, antes de enfiá-la no banco de trás da viatura.

Quando Cintia sentou-se, tomada pelas dores, o policial fechou a porta com violência. Pouco tempo depois, ela percebeu que seu companheiro indesejado estava a seu lado. Aquele ser deformado pela primeira vez na vida parecia satisfeito e feliz.

– E agora, satisfeita? – indagou ele, com crueldade na voz.

– Calado seu *maldito*! – rosnou ela. – Posso estar sendo presa, mas pelo menos estou *jovem* novamente. E logo me livrarei de você!

– Jovem? Você é mesmo louca, não é? – a voz dele era calma, mas Cintia conseguiu notar o deleite que ela transparecia. – Olhe no retrovisor.

Lá fora a confusão aumentava ao passo que os enfermeiros tentavam separar o cadáver da avó. Muitos revoltados gritavam enfurecidos, eles queriam a morte de Cintia, queriam que a *justiça* fosse feita, queriam puni-la com as próprias mãos. Os dois policiais tentavam acalmar a multidão.

Cintia fechou os olhos, percebendo que o medo havia tomado conta dela. Ela *sabia* que estava jovem novamente, havia visto o reflexo na água do mar. Havia *sentido* o corpo mais jovem. Esse era mais um truque *dele* para torturá-la. Mas, mesmo assim, ela não encontrou coragem para fitar-se no espelho retrovisor.

– Vamos lá, Cintia, olhe para o seu próprio rosto! – gritou ele em seu ouvido. – Não consegue, não é?

– Calado! Calado! Seu puto! Morra! – berrou ela em resposta. – Morra e me deixe em paz!

– Sua idiota demente, tudo isso foi coisa da sua cabeça. Não existe o *caminho da cobra*. Não existe nenhum *Guardião* e também não existe o *Povo Criança*. Tudo isso você inventou em seus delírios! – o prazer na voz dele era o mais difícil de suportar. – É impossível rejuvenescer, sua velha maldita. Seu destino é apodrecer dentro desse seu corpo decadente e ser consumida por essa sua mente desequilibrada!

– Não! Calado! *Tem que ser verdade!* – falou ela e novamente começou a rir e chorar ao mesmo tempo. – Os sonhos me mostraram o caminho!

– Se não acredita em mim, olhe no espelho!

– Não preciso olhar, eu me *sinto* mais jovem! O sangue do *Povo Criança* está fazendo efeito em mim – ela disse, tentando sentir o formigamento do corpo, mas ele não estava mais lá, apenas as dores e o conhecido cansaço permaneciam. – Estou *rejuvenescendo!*

– Não está merda nenhuma! Tudo o que você fez foi andar como uma louca até aqui, para seguir um cão qualquer e matar um garoto indefeso! – a voz dele era puro prazer.

– Não! Você também acreditou! Você *demostrou* isso quando falamos com o *Guardião* – a voz saiu engasgada entre os soluços e risos. – Você *garantiu* para mim que era tudo verdade!

– Mas uma verdade, dita por alguém que não existe, não é uma mentira? – indagou o *não-nascido*. – Eu também não existo. Agora, olhe no espelho, *louca!*

Ela buscou coragem no mais profundo âmago de seu ser. Lembrou-se de Isaías sempre a incentivando a seguir em frente e a nunca desistir de seus *sonhos*. Lembrou-se de Moacir falando que ela devia ser corajosa e ousada, pois só assim a vida pode ser intensa e leve...

Abriu os olhos e fitou o retrovisor, viu um rosto *velho* e enrugado, com profundas olheiras e todo tomado por marcas de expressão. Era uma face cansada e sofrida, toda coberta de sangue e areia. Seus olhos eram cinzentos e, no lado esquerdo, uma catarata podia ser vista, crescendo por cima do globo ocular, tornando-o embaçado e opaco. Era Cintia, *a velha*, que estava ali novamente. Ela sorriu e percebeu que estava sem os dentes da frente. Cuspiu sangue no chão da viatura e começou a chorar. Olhou para o lado e não viu mais o *não-nascido*, ele havia desaparecido. Lá fora as vozes cresceram em coro:

– Matem-na! Matem-na! Esse *monstro* merece morrer! Justiça!

Os policiais entraram na viatura às pressas, enquanto os furiosos aglomeravam-se ao redor do carro. Alguns batiam as mãos nos vidros, outros cuspiam na viatura, na esperança de acertar a velha. Cintia fechou os olhos e sentiu o desespero crescer dentro de si.

– Não... Eu *preciso* voltar a ser jovem. Eu *preciso*! – gritou ela.

– Calada! – disse o policial mais gordo. Ele usava um bigode grosso e tinha a pele clara o cabelo calvo. – Vamos, Jeremias, vamos logo, antes que isso fique mais sério.

– Mais sério do que já está? – indagou o policial mais magro, que estava como motorista. Ele era negro e tinha o cabelo raspado, não usava barba. Virou a chave e deu a partida, a fim de se afastar do local do assassinato. O som da sirene os acompanhava enquanto o carro avançava pela areia, com dificuldade entre a multidão.

Cintia levou a mão boa até o rosto e secou as lágrimas. Como estava algemada, teve que levantar o braço direito

também, o que resultou em uma profunda dor. “Isso não pode ser verdade! O *Guardião* mentiu pra mim!”, pensou ela controlando tanto o choro quanto o riso. “Não posso estar enxergando direito...”, disse para si mesma em pensamento. Sem pensar duas vezes, afundou os dedos da mão esquerda no buraco do olho e enfiou-os com violência ali. Gritou a plenos pulmões enquanto arrancava o globo ocular da própria face.

– Não posso estar enxergando direito! – berrou, sentindo a esfera gelatinosa se fechar dentro de seus dedos. Em seguida arrancou-a com força do próprio rosto. Veias, nervos e tendões arrebentaram, o olho caiu no chão da viatura, envolto em sangue e pus.

– Meu Deus! Essa mulher é insana! – gritou o policial gordo, sacando novamente a arma. – pare com isso ou eu atiro.

– Maldito seja o *Guardião*! Maldito seja o *Povo Criança*! Maldito seja Moacir! Maldito seja Isaías! Maldito seja o meu *não-nascido*! – ela gritou enquanto avançava com as mãos algemadas na direção do outro olho.

O policial disparou a arma. Cintia sentiu muita dor no ombro esquerdo, quando a bala a atingiu, então perdeu as forças. Os braços caíram no colo nu e ela ainda se viu, com apenas um olho, toda velha e enrugada, a pele mole e cheia de manchas e varizes, os seios estavam novamente caídos e sem vitalidade, as pernas estavam magras e flácidas.

– Você vai para a cadeia! – disse o policial gordo. – Ou para o hospício.

– Eu nunca *rejuvenesci*...

– Não... Nunca... – respondeu a voz do *não-nascido* em sua cabeça.

Ela começou novamente a chorar e rir ao mesmo tempo e em poucos instantes perdeu os sentidos...



**1ª edição [2025]**

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em outubro de 2025.



## SINOPSE

*O povo criança* conta uma trágica parte da história de Cintia, uma senhora que deseja imensamente uma segunda chance para amar na vida. Para ela, seu tempo já se foi e, quando teve a possibilidade de amar, acabou amando dois homens e, com isso, ficou sem nenhum.

Agora, na ânsia de encontrar o povo criança, detentores do segredo da juventude e da vida eterna, Cintia embarca em uma jornada desesperada. Encontrando-os, ela poderá voltar a ser jovem e amar uma vez mais. Seguindo os passos oníricos do Guardiã, ela agora vaga, já muito desgastada e abalada, pelo Caminho da Cobra, que serpenteia de Cascavel, no Paraná, até Cascavel, no Ceará.

## O AUTOR

Carlos Neppel nasceu na cidade de Cascavel, no oeste do Paraná, em 1987. Formou-se em História pela Universidade Paranaense (Unipar) e, mais tarde, concluiu o mestrado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde aprofundou seu contato com as culturas indígenas, o conhecimento popular e a capoeira. Foi nesse período que se encantou pelas tradições, religiosidades e narrativas ancestrais. Sua primeira obra, *O povo criança*, consolida sua paixão por histórias que transitam entre o medo, o mistério e o imaginário popular.

[ROMANCE]

Avalie nosso projeto:

